

# A Defesa Nacional

ASSUMPTOS MILITARES  
(XIV - Dez. - 168)

## EDITORIAL

### Ainda em torno da Questão Fundamental

NESTE numero, neste anno, nessa época, — oito annos depois da vinda da Missão — o título que encima estas linhas, já devia ser, logicamente, um título gasto. Entre nós, infelizmente, é um título sempre novo. Repetimo-lo pois, hoje. Haveremos de o repetir, amanhã, por certo, e sempre o repetiremos, até que os ouvidos, cansados de o ouvir, nos esudem.

Em todo exercito a formação dos Quadros é o primeiro indice de um programma que se elabora.

Construir um quadro de officiaes aptos, corresponde a tornar possível a evolução e a generalização do programma que os modelou.

Isso é tão espontâneo e tão curial que o próprio regulamento lá consigna — "A tropa vale o que valem seus quadros".

Ora esse princípio — copiado dos regulamentos de outros povos, aquiesce imp'antou também em todos os nossos. Mas quem lhe deu atenção? Não basta sentenciar. A palavra mesmo a de Christo — pede o exemplo. E o exemplo — seria uma lei que formasse os quadros, já que temos a pretensão de formar a tropa. Tudo o mais são palavras, espalhadas em vários regulamentos, formando um conjunto que já se avoluma, já tem peso, já tem extensão, mas que, infelizmente não chega a influir como doutrina. E esse conjunto cheio de palavras sonoras, de exigências, e de maximas continuará inocuo, desprezado, morto, enquanto não se cedido, levado a ele o complemento necessário da formação de quadros selecionados. Porque só esses — pelas suas possibilidades próprias, pelo seu desejo de aprender, podem levar aquellas palavras a seiva vivificadora da sua vontade, do seu amor e da sua inteligência.

Enquanto continuamos a copiar palavras francesas sem aproximar o meio da mentalidade que as criou e

deu vida, tudo redondará em semear e semear, em tornar a semear até que — gastos de tanto trabalho, nos apercebemos que o terreno sáfarlo e mesquinho exige adubo farto.

• • •

Todo programma exige tempo. Esta condição seria bastante para exigir, desde logo, ha oito annos atrás, uma lei de promoções. Sem partir dessa base, como garantir a esse programma — cuja essencia não comportava nenhuma continuidade dos nossos processos, mas ao contrario, criava, em meio estranho processos absolutamente novos como garantir a esse programma a sua adaptação e, em consequencia, a sua evolução, a sua durabilidade é até a sua legitimidade?

O que se está passando é o que logicamente se deveria passar. Copiamos regras; arrumamos exigências; escrevemos em língua nacional doutrinação nossos quanto antes e sem nos preocuparmos com o que copiamos — vamos nos deixando estar, com todos os nossos defeitos e insuficiencias — calmos, despreocupados, indiferentes.

• • •

A doutrina regulamentar não existe porque existem os regulamentos. Paralelamente a ella — é preciso criar no Exercito — que é uma collectividade e que tem por isso mesmo uma alma própria — os hábitos — o espírito, e a mentalidade capaz de comprehender-la. Ora esse trabalho que é todo de instrução não se limita ao verbo do professor.

Este "prega" a nova ideia. Sentir essa ideia; compenetrar-se della; adaptá-la ao meio, desenvolvendo-a, modelando-a ás nossas próprias necessidades é uma elaboração por tal forma lenta e por tal forma imperiosa que só a continuidade, a persistência, o estímulo, sempre renovado, de gerações e gerações poderá difundi-la através do ambiente e homogeniza-lo

a uma doutrina que se codifique em letras e se traduza em hábitos.

Por enquanto estamos nas letras. Quanto aos hábitos, — ninguém se iluda — não o criaremos sem que subordinemos a nossa evolução á evolução mesma dos indivíduos.

— Ora estes não são senão o resultado do meio em que vivem. Submerso neste "mosaico" de aptidões — nesse *Kaleidoscopio* de mentalidades — nesse *pickle* mental, que continuidade, que evolução que legitimidade pôde-se-lhe assegurar annos depois — largado nesse, livre de exigências e tendo para cumulo do seu isolamento, como único estímulo as qualidades intrínsecas da sua própria personalidade?

Fraca que seja esta — e estará perdido o trabalho e o formidável capital que a Nação gastou com elle . . . .

E a obra do seu aperfeiçoamento terá que se iniciar de novo.

• • •  
Nós poderíamos terminar aqui — mas não nos queremos furtar ao prazer de repetir, ainda uma vez, estas sabias palavras:

"O corpo de officiaes representa o arcabouço da instituição; equivale ao conjunto das paredes mestras de um grande edifício, a que se prendem e diante das quais se tornam secundárias todas as obras interiores e de carácter complementar.

A oficialidade de um exercito moderno representa a urdidura permanente da força armada; forma uma especie de crivo por onde passam as massas intermináveis de recrutas que ella submette a uma educação e instrução sistemáticas e que afeiçãoa ás suas próprias qualidades, no afan sedutor de as capacitar para a defesa da Pátria.

O oficial é educador e instrutor no remanso da paz, e exem-

# Tiro Mascarado de Artilharia de acampamento de Infantaria

Pelo Cmte. J. WELLER — Da M. M. F.

**Q**UANDO se fala do tiro da A.A.I., e mais particularmente, da destruição de metralhadoras, admittese, quasi sempre, que o material *permitta* ocupar posições desenfiadas, no minimo das armas automaticas inimigas tomadas como objectivo.

Comtudo não é raro ouvir-se, ou mesmo ler-se, que este tiro não é obrigatoriamente mascarado, e que a A.A.I. pôde, — e, diz-se mesmo, — deve, atirar á risca.

Fixemos bem a questão: A A.A.I. recebe uma missão. O que della se tem direito de exigir é que a cumpra. Reste-lhe ao menos a faculdade de se mascarar, se poder faze-lo.

Parece inutil insistir sobre os inconvenientes de expôr uma artilharia ás vistas das armas automaticas inimigas. Pôde-se ficar certo de que não sómente a metralhadora (tomada á parte pelo canhão) o verá, se ella fôr vista mas a maioria das armas automaticas inimigas que tiverem possibilidades de *atirar*, não deixarão escapar tão bello objectivo: A.A.I. debaixo de tal fogo, não poderá cumprir sua missão.

De resto, não é sobre isto que se discute habitualmente. Os partidarios do tiro directo parece admittirem que, se a infantaria recebe tiros de metralhadoras, a artilharia poderá tambem receber-los. E, sem se occuparem dos inconvenientes, elles não vêm sinão as vantagens da pontaria sobre o objectivo. Propomo-nos a mostrar que laboram em erro.

Quando o inimigo se revela a uma artilharia em posição, (ataque aproximado, cavallaria...) a artilharia contenta-se, (na impossibilidade de agir melhor em tão curto tempo), em dirigir os tubos, á vista, sobre o objectivo, utilizando a linha de mira ou a alma do canhão; (a pontaria em direcção seria mais longa, e a precisão obtida, aliás inutil neste caso, não seria maior).

Em geral a artilharia procura attingir o inírmigo de uma posição mascarada. Dai ella executa um tiro indirecto, isto é, os canhões são apontados em direcção e altura sem que os apontadores necessitem ver o objectivo.

Para apontar um canhão em direcção, mesmo fazendo um tiro directo, e salvo o caso de uma ataque inopinado, faz-se uso de um instrumento graduado, chamado apparelho de pontaria, composto, essencialmente, de um apparelho optico, que pôde tomar em relação ao canhão

uma orientação qualquer susceptivel de medida. O comandante da Bia., mede o angulo formado pelas duas reetas: canhão-objectivo, canhão-ponto de pontaria.

O apontador marca esse angulo no apparelho de pontaria. O eixo optico e o eixo do canhão fazem, então, entre si um angulo igual ao medido no terreno pelo comandante da bateria.

O apontador dirige o eixo optico do apparelho sobre o ponto de pontaria e o canhão tomará a direcção do objectivo (1).

Se o ponto de pontaria é o proprio objectivo o capitão não terá medida á guma a fazer, mas o trabalho do apontador em nada será modificado. Neste caso o apontador deverá registar um angulo igual a zero e dirigir o eixo optico do apparelho sobre o objectivo. O canhão tomará tambem esta direcção.

A precisão do tiro será aumentada por essa razão? NÃO. Bem ao contrario, ella só poderá ser diminuida pela fumaça dos arrebentamentos e a menor visibilidade do objectivo. Além do que, o apontador, enervado pelo tiro inimigo, apontará com menos calma e exactidão.

Do mesmo modo se a pontaria em altura, é feita sobre o proprio objectivo com o apparelho de pontaria, a fumaça ou o desapparecimento possivel do objectivo, torna-la á incerta ou aleatoria, como a pontaria em direcção, e se ella é feita com o auxilio de um nível ou uma alça graduada, é inutil vér o objectivo, mais inutil ainda que no caso da pontaria em direcção.

Que vantagem existe então em ocupar uma posição que permitte ver o objectivo e por conseguinte, que expõe o canhão á vista do inimigo? Um unico: poupar ao comandante da bateria a medida de um *afastamento angular*. Não é este, sem duvida, o resultado procurado nem o fim que se tem em vista não podemos pensar em voltar aos casos em que o apontador observa seu tiro e o corrija, quer em direcção, quer em altura, como se fazia nos primeiros dias da artilharia.

Resalta, pois, claramente, pelo menos o crêmos, que só ha inconvenientes em querer — salvo em circunstancias especiaes — que a A.A.I. occupe posições não mascaradas.

(1) Não levamos em conta as perturbações devidas ao vento, á rotação do projétil...

plo vivo no meio da refrega. Sua conducta na vida habitual opera como exemplo estimulante e no meio do combate transforma-o em symbolo a que se apegam seus commandados para o seguir sem desfalecimentos.

Nada pôde suprir um quadro deficiente e por isso tem-se visto tropas excellentes não lograrem

*o bom exito que mereciam, á mingua de dignos commandos.*

Foi esta verdade, ampliada a um mais vasto âmbito, que o grande epico sintetizou em verso quando disse:

*Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.*

Palavras justas, escritas em 1916. Onze annos depois ellas continuam de

pé, justissimas. Evolveram os methodos de ensino; evolueu nossa cultura; tornou-se cada vez mais complexo nosso organismo militar, mas parece que só os homens não as quiseram comprehender e evolver com elas.

Hoje (1927) o autor dellas é o chefe do Estado Maior. Isso representa para nós a maior garantia que ellas serão traduzidas em lei.

# Tactica de Infantaria

Notas tomadas durante as conferencias realizadas na Escola de Estado Maior pelo Professor de Tactica de Infantaria Ten. Cel. HUGUES.

**NOTA DA REDAÇÃO** — Chamamos especialmente a attenção de nossos camaradas para as conferencias do Cel. Hugues da M.M.F. que ora iniciamos. Como indica o sub-título ellas são o apanhado de nota tomadas durante as suas conferencias feitas na E.E.M. Isso deve constituir desculpa á qualquer incorreção de palavras — cujo sentido não traduz bem o pensamento do autor; mas podemos assegurar, que apesar disso, nellas se conserva o espirito e a essencia mesma da doutrina daquelle mestre. Que os infantes e artilheiros se perturbem bem dos seus avisos, e não se esqueçam que nada do que ouvimos, do que aprendemos, ou do que praticamos — vale sem o sentimento da sua necessidade real. E ninguem melhor que o Cel. Hugues — infante-official de Estado Maior — combatente 5 annos — amigo do Brasil — saberia nos dizer com mais autoridade e maior sympathia. Colloquemo-nos, pois, a altura do entusiasmo com que elle as dictou — e aprendamos todos — suas lições e seus conselhos.

## 1.<sup>a</sup> CONFERENCIA

### A INFANTARIA

- Summario:**
- I — O oficial de Estado Maior deve começar por ser um bom infante.
  - II — A doutrina da Infantaria comprehende a doutrina do emprego do fogo (offensivo e defensivo) e doutrina do emprego do homem.
  - III — O machinismo e o homem.
  - IV — O infante:
    - a) as perdas da Infantaria comparação com as das outras armas;
    - b) as fadigas e a carga do infante; suas marchas;
    - c) os trabalhos extraordinarios; as guardas;
    - d) o moral; conflito entre o instinto de conservação e o dever;
    - e) o papel do chefe;
    - f) as especulações em torno do moral do infante.

I — O oficial de Estado Maior deve começar por ser um bom infante. Para dar ordens à Infantaria, a arma que mais se fatiga e soffre, aquella que faz a guerra com os musculos, nervos e coração, é indispensavel conhecer perfeitamente as suas possibilidades, necessidades e seus meios. Isso evitárá pedir-lhe esforços inuteis ou inexequíveis, de onde poderá resultar a perda de confiança da tropa no Estado Maior ou a inutilização prematura do instrumento.

II — O estudo dos regulamentos constitue a base da aprendizagem do oficial e nada pôde substitui-lo. Elles exprimem a verdadeira doutrina, de acordo com as realidades da Guerra e por isso não devem ser postos de lado por simples construções de espirito innovadores, que parecem ter esquecido as experiencias da Guerra.

De todas as lições da Grande Guerra, a maior e a que custou mais caro aos combatentes, é a da preponderância do fogo, posta em evidencia nas guerras de 70, Turco-Russa, do TRANSVALLE da MANDCHURIA mas esquecida com o decorrer dos annos.

Deve-se pôr em evidencia a potencia do fogo da Infantaria, cuja força inexorável na defensiva ninguem contesta mas que tambem possue na offensiva virtude propri e efficaz. O hymno que aqui se cantará ao fogo da Infantaria não deve fazer esquecer o concurso indispensavel das outras armas.

Por outro lado a doutrina do fogo não supprime a mossa que é o fogo que se desloca nem o espirito offensivo do infante, porque a offensiva não é senão o fogo que avança.

III — Apesar dos progressos do armamento, continuam as forças moraes a ser os factores da victoria. E' ao homem, o artista obscuro da batalha, que cabe, em ultima analyse, sustentar os principios, e realizar a concepção do chefe.

IV — Falando exclusivamente do infante, não se tem em vista deprimir o papel dos camaradas das outras armas, aos quais o infante muito deve.

Mas na realidade estas armas estão a serviço do infante e não têm outro objectivo senão o de permitir a progressão, e em seguida o entranhamento na terra do pygmee de carne e osso que rasteja lentamente no pó e na lama.

Diz-se que esse pygmee é o rei do campo de batalha, mas a sua realeza não tem brilho e a sua coroa é de espinhos. Tudo gira em torno dele e por isso a direccão lhe cabia mas quasi sempre não está em condições de assumi-la. Não descortina o campo de batalha do alto como o aviador, nem de longe como o artilheiro; ao contrario, elle o vê de baixo, collado á terra, com um horizonte limitado ao campo de tiro de sua arma ou ao compartimento de terreno, onde deve vencer ou morrer. Ai trabalha só, com o auxilio das trajectorias que a Artilharia inscreve no ceu para auxilia-lo e dos vôos da Aviação.

Suas perdas são formidaveis. No exercito francês foram de 1 official morto para cada 3 existentes e de 1 soldado para cada 4 existentes, isto é, 3 vezes mais do que as das outras armas.

Que dizer de suas fadigas?! O aumento do numero de viaturas da Infantaria deixa o infante carregado como um burro de carga: em torno dos rins um cinturão com 7 kilos de cartuchos, nas costas uma mochila — verdadeiro armario — onde o infante milagrosamente arruma além da bagagem regularmentar (viveres de reserva, roupa, calçado sobresaínte, etc.), latas de conserva, fumo, chocolate, vela, sabão, lampada a alcool solidificado, etc. Juntem-se a essa mochila a manta, a barraca, a ferramenta portatil, a marmita e os utensílios de acampamento, e temos a carga fatigante e quasi sobrehumana que elle nunca abandona embora sempre della se queixe. No boral e nos bolsos ha ainda lugar para uma infinitade de pequenos objectos indispensaveis, do lenço ás pequenas recravadas, do cachimbo ao espelho, agulha, tesoura, linta, botões, papel de cartas, etc., um verdadeiro bazar ambulante.

E por cima de tudo isso é obrigado a levar a sua arma que ás vezes pesa 9 kilos, a ferramenta portatil, o sabre, a mascara de gas, as granadas, etc.

E esse homem assim sobrecarregado que o official de Estado Maior terá que movimentar, muitas vezes à noite, pelas estradas que levam ao campo de batalha. E depois de fatigado provavelmente a entrada em linha!

Cabe aos chefes avaliar o grau de fadiga de uma unidade, para retira-la do combate com oportunidade, de modo que ella possa com alguns dias de repouso recuperar o seu equilibrio physico e principalmente moral.

E' um difficult problema de consciencia julgar o estado moral de uma tropa. Uns, com o receio de serem pessimistas, deixam-se arrastar por esperanças chimericas e irrealizaveis, outros fazem juizo inverso. Entre os dois modos de proceder é muito mais perigoso o segundo porque uma tropa só estará prompta a atacar quando seu chefe se sente, por si mesmo, em condições.

Mas não basta julgar o moral da tropa é preciso exalta-lo. Conserva-la nessa missão reside a mais nobre tarefa do chefe de Infantaria, conductores de homens, porque exige altas qualidades moraes e permite ler nos olhos dos seus homens a confiança e a certeza de que elles o seguirão por toda a parte, sempre.

E' por isso necessario educar o infante, levar ao seu coração o espirito de sacrificio, isto é, a vontade de tudo supportar para assegurar a victoria á causa sagrada que defende. Não se deve crear illusões e muito pelo contrario é indispensavel pintar-lhe os sacrificios, os perigos trágicos que o esperam.

Sabe-se, que não se luta com homens contra material mas tambem se sabe que é para o moral da tropa que

se appella quando é preciso explorar os resultados obtidos pelo material.

A pergunta — *Material ou Moral?* — parece querer contrapôr um desses factores ao outro, como se não fosse evidente que o material não pode assegurar o successo sem o auxilio do moral e que o moral, não estribado no material proprio, nada pôde contra o material adverso.

A Guerra nos ensinou que nem a coragem, nem a habilidade podem compensar a insuficiencia de material e que será perigoso pretender abolir o moral pelo facto de possuir supremacia de material.

Tambem conhecemos o perigo que poderá resultar do facto de querer attribuir ao material uma situação predominante.

Quando proclamamos o dogma da indispensavel superioridade de fogo vimos que isso não implicava para a infantaria em cuidado exagerado para evitar as perdas; nem tão pouco em sujeição ás armas de material. Ao contrario, a infantaria é a arma principal porque é a unica que tem o poder de decisão e como o material nada pôde sem o moral, elle trabalha ao serviço da infantaria que é por excellencia a arma do moral.

O dogma da superioridade do fogo apresenta ainda outro perigo — o aumento exagerado das armas de material em relação á infantaria. De facto, se a infantaria é a arma principal; se é a arma cujo successo ou revez asseguram a victoria ou a derrota de todos; se é a arma soberana; se as outras armas só tem razão de ser em quanto trabalham com ella e para ella; constitue aberração sacrificar o essencial em favor do secundario, a arma principal em beneficio das outras — suas auxiliares.

Em Maio de 1915 a infantaria francesa contava 72 % do efectivo total dos combatentes e a artilharia 18,5 %. Em Outubro de 1918 ella dispõe de 50 % e a artilharia 35 %; ou seja, em 100 combatentes ha 50 infantes e 35 artilheiros. Dias de batalha houve em que o numero de artilheiros em linha era superior infantes e isso tem levado alguns espiritos a pedirem ainda a reducção da infantaria de modo a alcançar a relação 1:1 para com o numero de artilheiros.

E' certo que a infantaria vê com prazer aumentar, no

momento do combate, o numero de canhões que a apoiam, mas ha um limite que não deve ser ultrapassado. Este deve estar muito aquem de 1:1, pois, não é admissivel que se reduza a infantaria a um numero de batalhões que não são bastantes nem para assegurar a protecção das armas de material. Além disso é necessário não esquecer que a infantaria se gasta com rapidez extraordinaria e que por isso exige substituições constantes e incessantes renovações de quadros e effectivos.

Qualquer que seja a potencia do material, a victoria pertencerá sempre ao adversario que possuir a melhor infantaria; infantaria que occupe o papel preponderante que lhe cabe, dotada de todos os meios materiaes, capazes de fazerem-na forte, audaciosa sem temeridade, confiante em si mesma e nas proprias accões; infantaria para a qual trabalharão as outras armas em collaboração intima e que attinja em certas phases da batalha, até a subordinação.

Se a conducta da guerra moderna exige de algum modo a industrialização, esta não deve arrastar a desproporção entre as forças materiaes e as moraes, a uma subordinação das virtudes propriamente militares ás qualidades technicas.

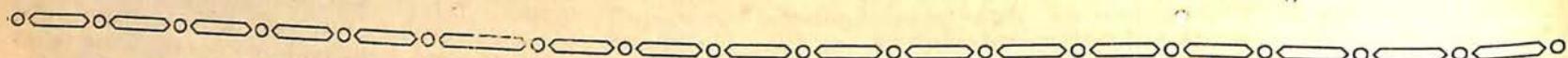
A guerra não é uma industria em mãos de engenheiros; é luta entre homens, em que o homem tira o melhor proveito da força do material, mas em que finalmente continuam em primeiro plano as qualidades que sempre caracterizarem o guerreiro, qualidades intellectuaes e principalmente qualidades moraes.

Estas qualidades são inherentes á raça e por isso pôde se dizer que o povo tem a infantaria que merece.

Certamente estas qualidades só serão secundas se se apoiarem em concepção racional do combate e technica intelligente.

Mas em ultima analyse, o factor moral será sempre preponderante: para vencer o adversario, para expulsá-lo das posições, será preciso saltar-lhe á garganta e como dizia TURENNE "ir até el'e".

Por trás da machina, como da trincheira haverá amanhã como ontem, corações de homens e é de sua virtude que dependerá a victoria.



## Composição das Divisões Argentinas

**A**S 5 Divisões Argentinas tem composição distinta; por isso, em vez de indicar uma composição tipo, indicamos ao contrario, com pormenor, cada divisão:

### 1.ª Divisão:

- 3 R.I. (2 Btl. — 1 Cia. Mtr. e 1 secção de comunicações).
- 1 Bia. de acompanhamento (Krupp 75 mth.).
- 1 R. C. de 4 esq.
- 1 R. A. misto (2 G. de 2 Bias. M. e 1 Bia. obuses).
- 1 Btl. de sapadores pontoneiros (2 Cias. de pontoneiros e um trem de pontes).
- 1 Unidade de Parque e Treins.

### 2.ª Divisão:

- 3 R.I. (composição analoga).
- 1 Bia. acompanhamento 75 Krupp. Mth.
- 1 Esq. C. (destacado da C.I.).
- 1 Regimento misto de Artilharia.
- 1 Btl. de sapadores-pontoneiros.
- 1 Regimento de infantaria montado.
- 1 Unidade de Parque e Treins.

### 3.ª Divisão:

- 3 R.I.
- 1 Bia. de acompanhamento.
- 1 R.C.
- 1 Regimento misto de Artilharia.
- 1 Btl. de sapadores-pontoneiros.
- 1 Regimento de infantaria montado.
- 1 Unidade de Parques e Treins.

### 4.ª Divisão:

- 3 R.I.
- 1 Bia. de acompanhamento.
- 1 Esq. C. (destacado da C.I.).
- 1 R.A.M. 75.
- 1 Btl. sapadores-pontoneiros.
- 1 destacamento misto de montanha (um Regimento de Caçadores — 2 Bias. A. Mth.).
- 1 Unidade de Parque e Treins.

### 5.ª Divisão:

- 3 R.I.
- 1 Bia. acompanhamento.
- 1 R.C.D.
- 1 R.A.M.
- 1 Btl. de sapadores-pontoneiros.
- 1 destacamento misto de Mth.
- 1 Unidade Parque e Treins.

### Brigada de Cavallaria:

- 2.ª Brigada
- 2 R.C.I. (um R.C. de 4 esq. e 1 de 3).
- 1 esquadrão de metralhadoras sobre rodas.
- 1 G.A.C. (2 Bias.).
- 1 secção sapadores-pontoneiros montada.

### 3.ª Brigada

- 3 R.C.I. de 3 esq.
- Os outros elementos como na 2.ª Bda.

### 4.ª Brigada

- 3 R.C.I. (1 R.C. de 4 esq. e 1 de 3).

- Os outros elementos como na 2.ª Bda.

### O efectivo das Divisões oscilla em:

Tropa ..... 3.500 a 4.000

Solipedes ..... 2.000 a 2.800

Canhões ..... 24 a 36

### O efectivo das Bdas:

Tropa ..... 1.300

Solipedes ..... 1.600

Canhões ..... 8

Metralhadoras ..... 4

# O VALOR DAS BÔAS MEDIDAS

**O**VOLUME consideravel de couças a realizar para construir a obra da defesa nacional, faz com que se obscureçam certas medidas de reconstrucçao, já iniciadas com successo. Quem vir apenas o que falta a fazer terá talvez a impressão desagradavel de que o tempo tem sido até agora inteiramente perdido. Mas um balanço ponderado faz resaltar um saldo visivel e extremamente valioso.

Confessamos que todos desejavamos resultados mais incisivos, energicos e apressados porque todos que estamos fóra da scena, na platéa, não encontramos obices ao pensamento e á imaginação. Um instante de repouso e de realidade, porém, faz vêr nitidamente o que foi já obtido neste anno de labor. Procuraremos, apenas, salientar o phenomeno principal que é esta atmosphera de incertezas e duvidas em que viviamos achar-se dissipada.

Até aqui ninguem dava credito ás medidas severas, muitas e muitas vezes, anunciadas com fragor, porque todos stavamos habituados á sua pequena duração ou sabíamos todos quais personalidades ou personagens indirectamente visavam elles. Não se conheciam normas; e o acaso campeava livremente em nossos destinos creando odiosidades, e injustiças e valorizando e estimulando o *pistolão*.

O credito moral não facilitava a vida de ninguem e antes parecia prejudicar pela difficultade natural de accomodaçao; e, não raro, as maiores evidencias e predominancias officiais eram concedidas áquelles mal afamados nos bastidores e até no publico.

Os corpos fóra do Rio de Janeiro viviam a mingua de officiais enquanto as repartições estavam super lotadas e as fronteiras, a bem dizer ficavam abandonadas.

Estados maiores havia, e ainda os ha, que se restringiam ao expediente e a trabalhos esparsos, e sem ordenação efficiente, porque suas secções ou não tinham serventuarios necessarios ou eram apenas preenchidas por officiais sem os bons requisitos regulamentares.

E' confortavel, portanto, verificarmos agora como se definem já, com traços nitidos e fortes, sympto-

mas evidentes de ordem, fazendo renascer, como das proprias cinzas, a confiança e creando uma atmosphera confortavelmente respiravel.

Desgostos ainda ha, sem duvida, mas entre os não satisfeitos mesmo, em suas pretensões e desejos, muitas vezes logicos e legitimos, não se sente mais aspecto de revolta e odor de indignação até ha pouco tão communs.

A inflexibilidade seguida — a partir do escalão ministerio — tem certamente alguns inconvenientes e tem mesmo produzido alguns desarrajos reais, mas é preciso confessar que é legitima, encontrando apoio firme, o absolutismo com que têm sido seguidas certas regras anunciadas, na necessidade de não deixar brecha aberta por onde a penetre o *espirito nacional*.

Dada a organização actual de nossas repartições e o *sentimentalismo das informações*, seria impossivel à autoridade discernir onde se acham as necessidades dignas de constituir excepção á regra estabelecida de enviar os officiais avulsos e os neopromovidos para os corpos, por exemplo. E tomamos este exemplo como o mais caracteristico dos acontecimentos da nova phase e que podem ser levados a conta de saldo em nosso progredir.

Entre as excepções que devem ser legitimamente estabelecidas, estão os officiais technicos e alguns outros, muito raros, que ocupam lugares de difficult substituição.

Mas a verdadeira correcção destes inconvenientes só pode ser feita, quanto aos primeiros, depois da criação dos quadros technicos e, quanto aos outros, depois que a mentalidade geral fôr capaz de não vêr ai favores pessoais somente.

E' para nós um verdadeiro conforto verificar o bom resultado já obtido e sentirmo-nos autorizados a almejar, para o proximo anno, o *desenvolvimento desta ordem já firme e inexoravelmente estabelecida*.

Entretanto, para o maior exito certas providencias fazem-se complementares. Entre tais avultam o pagamento das guarnições longiquas em dia e o da ajuda de custo que a lei concéde, para que não tome o character de castigo individual e injusto a exigencia

que todos comprehendem e aplaudiram, sem estas restricções naturais.

Por outro lado, a actuação precisa ser elevada além dos officiais *avulsos e neopromovidos* fazendo-se uma revisão na situação dos quadros em geral de modo que ninguem escape de *fazer no corpo, em cada posto* um tempo determinado de EXERCICIO DO COMMANDO correspondente ao seu gráu na hierarchia.

Ha um minimo natural para nós admissivel: — o correspondente ao anno de instrucção.

Para corrigir completamente estes velhos erros seria preciso tornar condição imprescindivel para a promoção por merecimento, a satisfação de um tempo minimo de arregimentação, a semelhança do que se faz na Marinha com o embarque.

Esse feitio é mais vantajoso que a escola obrigatoria — *a fortiori* — de todos para o serviço arregimentado. Não desorganiza os serviços, as vezes de um modo pouco oportuno e permite aos officiais que não aspiram á carreira menos morosa, jazarem em suas repartições.

Mas onde a falta de observancia de uma tal regra, sevéra, se faz sentir é no quadro de officiais de E. M. que alguns ha sem serviço arregimentado (*exercicio do commando*) ha varios annos. Dada a mentalidade normal no official de E.M., deve uma semelhante anomalia causar-lhes profundos e amargos dissaborés.

Por outro lado, certos officiais de E.M. vivem nos corpos maior tempo que nos E.M., e alguns muitos annos a fio, não obstante quasi todos os E.M. acharem-se desprovidos de 50 % ou mais de seus officiais. Quer isto dizer que, enquanto aquelles officiais perdem o habito do trabalho e do trato das questões que são proprias aos E.M., estes ficam impossibilitados de produzir mais que trabalhos de expediente ou trabalhos esparsos e isentos de systematização, a que acima nos referimos.

E' possivel que, dado o vulto destas questões, talvez a esta hora estejam elles resolvidas, previsão que fazemos autorizados pela logica dos factos. Mas se isto se der, tanto melhor,

## AS MANOBRAS E EXERCICIOS NO TERRENO

**N**ÃO obstante o aspecto ainda precario de que se reveste, podemos felizmente com prazer verificar, que o sistema unico de bôa instrucção dos quadros e da tropa pelo trato de casos concretos lidados no terreno, acaba de ser louvavelmente retomado este anno.

Os chefes que os conseguiram realizar, demonstrando assim sua tenacidade e bôa orientação, merecem incontestavelmente a gratidão geral.

As falhas, porém, que estes trabalhos encerram e o esforço pessoal que é preciso despender para realizá-los, mesmo imperfeita e incompletamente, bem demonstram como estamos ainda longe da normalidade desejável.

Longe vemos o momento em que, como na Argentina, poderemos levar ao campo um bello effectivo de cerca de 30.000 homens pondo em actividade bem proxima da realidade os nossos E. M. e serviços, que assim treinariam e adquiririam confiança em si mesmos em caso de guerra.

Seria cediço virmos aqui resaltar a verdadeira importancia que têm tais exercícios com effectivos de guerra na educação guerreira dos E. M., dos órgãos de serviços e da propria tropa. É matéria regularmentar muito clara e explicita, mas parece util sempre recordar esta importancia porque até hoje não tentamos sequer a bem dizer, attingir um estado de instrucção conveniente pelas bôas praticas regulamentares. A manobra com tropa em effectivos de guerra põe em evidencia o estado real de funcionamento dos órgãos de commando, dos serviços, do material, etc., não encobrindo imperfeições, pelos maus effeitos imediatos e palpaveis, que desapparecem ou ficam inapercebiveis, nos exercícios de quadros, mesmo no terreno.

A 1.<sup>a</sup> Região Militar ajeitando suas possibilidades e recursos, insiste sabiamente na pratica das manobras com tropa convenientemente orientadas, sendo de lastimar, porém, nenhuma incorporação de reservistas se haja feito e que não tenham sido, ao menos como assistentes, convocados os officiaes de reserva. É notadamente util para a efficiencia das reservas uma tal convocação, não só para seu prepero technico como para habituá-los a ser convocados. Sem este habito de convocações periodicas, as reservas afrouxam suas ligações com o Exercito e uma mobilização eventual será enormemente difficultada. No que diz respeito aos officiaes de reserva então é a importancia muito maior e sua ausencia das manobras quebra o fio da orientação que começou a ser traçada com sua distribuição pelos corpos e as recommendações oportunas do comt. da 1.<sup>a</sup> R. M.

Em resumo, devemos além disso ainda lastimar que os effectivos tenham sido extremamente reduzidos; os serviços não tenham funcionado como na guerra (mesmos os interiores dos corpos inclusive os TC e TE); e sobretudo, que tenham os exercícios da 1.<sup>a</sup> R. M. ficado ainda sem imitadores, que é a falta mais grave.

A causa da restricção destes exercícios á 1.<sup>a</sup> R. M. é publicamente considerada como produzida pela escassez de meios. Vê-se bem a realidade dessa pobreza pelo que se passa na 1.<sup>a</sup> R. M.

Mas os meios não devem ser escassos para que as outras regiões não cumpram o R. I. Q. T. levando a instrucção, ao menos até os exercícios de quadros, o que se não justifica legitimamente.

É verdade que faltam sobretudo os meios de ligações e transmissões e is-

so parece evidente pelo caracter de pau para toda obra dado á 1.<sup>a</sup> Cia. Trans. Desde 1920 que essa operosa Cia. Trans. vem sendo o unico elemento contavel, e contado de facto, para os problemas de ligações e transmissões.

Ora, a importancia dessa questão não só na guerra, como para a instrucção dos quadros em tempo de paz, e o preço relativamente barato que custaria uma optima organização nesse sentido, tornam injustificaveis e incomprehensives as faltas actuaes.

De resto, verificado que o pessoal da 1.<sup>a</sup> Cia. de Trns. tem sido renovado zec, nada justifica, nem mesmo a falta de pessoal capaz, que as outras Cias. de Trns. não hajam ainda sido organizadas, poupando-se d'ess'arte as longos e fatigosos passeios da 1.<sup>a</sup> Cia. Trns.

Organizadas as Cias. de Trns e os respectivos serviços nos corpos de tropa não mais se justificaria facilmente a ausencia de trabalhos para instrucção dos quadros nas outras zonas fóra do alcance e da capacidade de trabalho da 1.<sup>a</sup> Cia. de Trns.

Fazendo votos para que se removam de vez estes inconvenientes que prejudicam uma necessaria démarra-ge para o bom trabalho, assinalemos co mprazer que este anno, com elementos do Rio de Janeiro, já houve três bons exercícios no terreno: a viagem de E. M. a Itú, a manobra com tropa da 1.<sup>a</sup> R. M. e a manobra de quadros de Exercito na região de Campinas.

Para o que deveria ser, falta muito, mas é já alguma cousa — continuemos esperando, esperançosos...

*Esta nota deixou de sair em nosso numero de Novembro, por falta de espaço. — N. da R.*

## Artilheiro sem canhão - nobre pobre

**A** NOBREZA para ser espontanea, implica, antes de tudo, em attitudes de tal gravidade e circumspecção, que só habitos e situações de conforto material, de ambiente largo, franco e luxuoso—pôdem imprimir e conservar. Por essa razão, não é possível levar a serio um nobre pobre. Um "alta linhagem" cavador de empregos, humilde, chapeu na mão, mesquinho, embrulhado numa roupa disforme, suja, a espera que o attendam e que o aceitem é profundamente grotesco. Para este homem quer-se expontaneidade; facilidades de expressão; liberdade de movimentos — belleza de porte, e acima de tudo, a despreocupação da vida material, dessa cousa abjecta que se chama o vendeiro, o bonde, o emprego publico.

Ora artilheiro sem canhão; artilheiro sem projectis, vivendo de numeros; enamorando-se de trajectorias theoreicas, não é outra cousa que esse ingenuo nobre — sonhador de palacios e morador de "avenida".

Que vale a potencia de fogo de sua artilharia se ella é subconsciente?; se ella acaba com o lapis e só toma forma concreta nas visões do gabinete e não se exterioriza; não se materializa; não se faz tangivel? .....

Aqui termina o que se pôde dizer do artilheiro. Ao nobre poder-se-ia accrescentar que entre ser pobre e continuar "nobre" só ha um meio digno — desapparecer de todo.

# Tactica na carta

**Uma solução do 2.º thema de Tactica Geral sobre a 1.ª D. I. Verde.**

**Cap. Heitor Bustamente**

**Segunda Parte:** o ataque aos P.A. do inimigo. As 3 divisões do 1.º Ex. Verde 1.ª D.C., 1.ª e 5.ª D.I. vão atacar na manhã de 22 de Abril os P.A. do inimigo, para chegar em bôas condições ao contacto da sua posição de resistencia que só será atacada posteriormente, assim diz a Ordem Preparatoria do Ex. recebida pelo Gen. Cmt. da 1.ª D.I. ás 16h.45 do dia 21. Tal é o resumo da missão das 3 divisões, constante do paragrapho I. da Ordem Preparatoria assim de um modo indistinto, que vae nos servir para o estudo da situação, pois que a Ordem Geral de Operações que certamente regulou de modo um pouco mais detalhado a missão de cada divisão não chegou ao P.C. da 1.ª D.I. até ás 22 horas, o thema d'ella abstrahe no estudo a fazer pelo Gen. Cmt. desta divisão. Este Cmt. que não pôde ficar inactivo, á espera da Ordem General, deve iniciar tal estudo desde o recebimento da Ordem Preparatoria, pois esta contém indicações suficientes para que elle tome as suas decisões, as quaes poderão ser, eventualmente, ligeiramente modificadas, se a Ordem Geral tambem modificar ligeiramente as determinações da Ordem Preparatorias, o que não acontece commumente e não é o nosso caso, pois se assim fosse o thema consignaria tal facto. Devemos recordar-nos que a Ordem Preparatoria consigna em detalhe apenas a missão da 1.ª D.C., o que no caso constitue informação valiosa para o estudo a fazer pelo Cmt. da 1.ª D.I..

A idéa expressa na Ordem Preparatoria de que as 3 divisões vão atacar a 22 P.A. do inimigo é uma idéa justa, com a qual, no que lhe toca, está de perfeito accordo o Gen. Cmt. da 1.ª D.I., e não falamos nos outros dois Generaes porque somente encarnamos no momento a personalidade do Cmt. da D.I. da direita. Com effeito:

As informações a respeito do dispositivo geral do inimigo que ocupa actualmente a região N. de JAHU'-DOIS CORREGOS e mais a E., colhidas principalmente pela aviação e suppostas bem conhecidas do Gen. Cmt. do Ex. e Generaes Cmts. de divisões, se bem que ainda insuficientes sob o ponto de vista do amplo conhecimento que é necessário ter de um dispositivo que vae ser atacado, fazem crér com segurança que a verdadeira resistencia do inimigo está sendo installada no planalto ao N. de JAHU', nas elevações imediatamente ao N. de FAZ. PACHECO, I. CESARIO e FAZ. MATTÃO, planalto N. de MACACO, etc.; pelo que as resistencias que immobilizaram na jornada de 21 as vgs. da 1.ª D.C., 1.ª e 5.ª D.I. na linha geral RIB. POUSO ALEGRE-FAZ. MORUNGAVA-FAZ. BOA VISTA-LUIS PAIXÃO — encostas N.O. de FAZ BELLA VISTA — N. de FAZ. BELLA VISTA-FAZ. DA SERRA — encostas O. de BARREIRO, etc., não podem ser senão resistencias de P.A., ao menos no que respeita as regiões em frente aos dois flancos da 1.ª D.I. e regiões que lhes ficam imediatamente adjacentes, pelas razões que passa-

mos a expôr; nesta indagação da natureza das resistencias inimigas assinaladas no contacto restrin-gimo-nos á frente limitada a E. pelo espião ao sul de FAZ. DA SERRA e a O. pela grande garupa a S.O. de FAZ. MORUNGAVA por onde passa a grande estrada JAHU'-POUSO ALEGRE DE CIMA, porque é justamente nessa frente que se vão dar a 22 os ataques das 3 divisões, apenas fóra disto a 1.ª D.C. edvendo realizar uma operação secundaria na região de FAZ. MANDAGUAHY. Se nos collocarmos no papel do Gen. Cmt. da 1.ª D.I., cujo estudo acerca da situação e possibilidades do inimigo pôde tomar a amplitude bastante para abrange a frente geral de ataque a 22 pois que a frente de ataque da D.I. é a mais extensa e ligada nos flancos ás frentes de ataque restrictas das divisões vizinhas, tres hypotheses podemos formular acerca do dispositivo defensivo do inimigo que se antepõe á divisão:

1.ª — a D.I. está em face de uma posição de P.A. ainda mal constituída, cuja linha de resistencia é balizada pela linha descontinua de trincheiras sem rôdes de arame, assignalada pela aviação na frente cóllo ao sul de FAZ. MORUNGAVA — encostas imediatamente sul de PAIXÓES — crista 2 klms. S.E. de LUIS PAIXÃO — a meio caminho entre FAZ. SANT'ANNA e FIGUEIRA a cavalleiro da estrada, etc., etc. (vêr o thema); assim sendo, deve-se tambem admittir haja uma 2.ª posição inimiga e retaguarda da posição de P.A., localizada na região das elevações e planaltos imediatamente ao N. da FAZ. PACHECO, I. CESARIO e FAZ. MATTÃO, pois tambem a aviação ahi assinalou linhas successivas de trincheiras, das quaes a principal, na orla N., é continua e coberta de rôdes de arame em alguns pontos;

2.ª — o inimigo tem uma posição unica, na aludida região de elevações e planaltos, linha de resistencia na orla N. estabelecida com a protecção de defesas accessorias; a linha de vigilancia dessa posição, lançada bem á frente, foi reforçada constituindo P.A., com os quaes a 1.ª D.I. está actualmente em contacto;

3.ª — a posição do inimigo é unica e está escalonada entre a linha actual do contacto, que constitue a orla exterior da posição, e as linhas de trincheiras notadas bem mais a retaguarda; nestas condições deve haver resistencias collocadas de perneceu nenhum indicio.

Ora; uma posição é um conjunto de resistencias que apresenta um certo escalonamento em profundidade que normalmente se aproxima de 2 klms; este algarismo que não é dada aqui para servir de marco fixo quando se tratar de organização do terreno, representa comtudo uma bôa indicação que se deve ter em conta. Toda posição é precedida de um escalão chamado de VIGILANCIA, e a distancia entre o escalão de vigilancia e o 1.º es-

calão de resistencia que só o terreno e a situação impoem, pôde levar o escalonamento completo de uma posição a profundidades muito variaveis acima dos 2 kyms.; entretanto é bom repetir, a profundidade no escalonamento total dos orgãos vitaes é da ordem dos 2 klms. em media.

Dentro desta noção e de posse das valiosas informações que temos sobre o inimigo são razoaveis todas as hypotheses que acabamos de formular? Não; ou pelo menos o grāu de razoabilidade é muito mais accentuado em uma d'ellas, na 2.<sup>a</sup> hypothese, que nas outras duas que o apresentam quasi nullo.

Effectivamente; analysemos a 1.<sup>a</sup> hypothese. Se o inimigo não continuou a sua offensiva além das regiões alcançadas até o momento e aguardou os verdes em attitude defensiva é, parece, porque não tem ainda os meios que julga sufficientes ou indispensaveis, e além disso quer conservar a posse do terreno conquistado; e assim não deveria ter cogitado de organizar duas posições em frente tão extensa, tal como a que vae do meridiano de FAZ. RIB. BONITO, por exemplo, até o grande espião a O. de BARREIRO. Mais: na região da supposta posição de P.A. do inimigo a aviação verde apenas assinalou uma unica linha de trincheiras, descontinua e sem rēdes de arame. Ainda mais; mesmo que se quisesse suppôr que a aviação verde não pôde vêr convenientemente o terreno ocupado pelo inimigo, porque a isto se oppusessem ou a sua propria aviação ou condições desfavoraveis de tempo, o que tudo é admissivel, para chegar á conclusão de ter o inimigo duas posições face á 1.<sup>a</sup> D.I., é preciso chegar ao absurdo de ter elle installado duas posições quasi sem distancia intermediaria, quasi em seguimento uma da outra, confundindo-se mesmo na região do centro, pois é principio consagrado que uma 2.<sup>a</sup> posição deve estar decididamente fóra do alcance da art. do inimigo que toma o seu dispositivo para atacar a 1.<sup>a</sup> posição. Deste modo eliminada a 1.<sup>a</sup> hypothese, fica a 3.<sup>a</sup> ponco provavel, pois com quanto não saibamos como foram obtidas as informações da aviação verde, é possivel que o tenham sido mediante reconhecimentos photographicos ou mesmo reconhecimendtos á vista muito repetidos, em summa é difficil tenham escapado á sua indagação quaesquer resistencias inimigas intercalladas entre a linha descontinua de trincheiras da frente e as linhas successivas da retaguarda.

Resta em consequencia a 2.<sup>a</sup> hypothese, que parece-nos a mais razoavel, a unica acceptável; ella se fixou em definitiva no espirito do Gen. Cmt. do Ex., servirá de base ao estudo da situação a fazer pelo Gen. Cmt. da 1.<sup>a</sup> D.I. Ella se estriba mais em razões de procedimento intelligentes do inimigo, que para localizar os orgãos essenciaes da sua posição unica certamente escolheria a melhor região, tal como a da linha de alturas e planaltos ao sul de PAIXÕES-FIGUEIRA.

As decisões do Gen. Cmt. da 1.<sup>a</sup> D.I., repito, vão ter como base a 2.<sup>a</sup> hypothese acerca do dispositivo do inimigo, isto é, o Gen. está na convicção de que a sua D.I. vae atacar a 22 o escalão de resistencia dos P.A. do inimigo; se assim não fôr, se o inimigo apresentar-se de outro modo, correspondendo o seu dispositivo a verificação da 3.<sup>a</sup> hypothese por exemplo, o que é muito pouco provavel, é certo que as operações da divisão podem não correr como se espera, e novas decisões deverão ser

tomadas; mas isto corresponde a uma nova situação, um novo thema, sahindo inteiramente fóra das circumstancias do caso actual.

No estudo anterior haviamos deixado ás 17h.10' do dia 21 aprovada, mandada imprimir e distribuir a 1.<sup>a</sup> Parte da Ordem de Estacionamento na noite de 21|22; quanto á 2.<sup>a</sup> Parte da Ordem, ella foi confeccionada no Q.G. e mandada distribuir em seguida aos orgãos dos serviços da divisão. A respeito do ataque de 22 o Gen. Cmt. da D.I. havia deliberado dar uma Ordem Preparatoria até ás 18 horas, enquanto que a Ordem Geral de Operações poderia, sem grande prejuizo, sair um pouco mais tarde. Mas tanto a Ordem Preparatoria quanto a Ordem Geral de Operações dependem das decisões do commando que vão ser tomadas; estas por sua vez dependem do estudo da situação. Vamos fazer este estudo.

A 1.<sup>a</sup> D.I. vae atacar na manhã do dia seguinte; o que? Como? D'aí a necessidade de fixar:

os objectivos a alcançar;  
os meios e o dispositivo a empregar;

a successão dos esforços;  
as missões dos elementos que cooperarão em 2.<sup>o</sup> plano.

Quando tudo estiver deliberado, teremos fixado a manobra a realizar, tomando todas decisões relativas, incluidas as que affectam os elementos que vão cooperar em 2.<sup>o</sup> plano. Dehntre as decisões, ha sempre uma de ordem mais geral, de carácter mais amplo, que constitue como que a synthese do plano da manobra ou das operações a effectuar; é a decisão principal, que deve poder ser communicada aos Cmts. dos escalões immediatos sob a forma simples de Ordem Preparatoria ou de Ordem Particular. Ella não desce a detalhes e por isto pode ser tomada e transmittida dentro de curto lapso de tempo. As demais decisões, as que fixam com detalhes as tarefas ou missões dos escalões subordinados, estas sucedem a decisão principal e constituem a base na redacção das ordens de operaçōes. Como a D.I. vae atacar P.A. do inimigo, podemos desde já frisar as características que fazem a diferença entre ataques a P.A. e ataques a uma posição organizada.

A noção corrente de que o partido que se coloca na defensiva establece P.A. para resistirem normalmente de modo muito limitado, mas dispõe-se a resistir a fundo na posição de resistencia, oriunda esta noção do principio que assevera que DIVIDIR-SE PÁRA COMBATER POR PÁRTES, E' DESEJAR SER BATIDO PARCELLADAMENTE, conduz ás seguintes conclusões:

No ataque a uma posição de resistencia, esforço maximo; d'aí ataque a frente continua embora restricta, mas ataque cerrado, com meios unidos, os flancos cobertos, d'onc grande dispêndio de Inf., a maxima cooperação da artilharia;

nos ataques a P.A., embora em larga frente, empregar meios reduzidos em Inf., forçar o sucesso com o emprego de toda a art. disponivel; a Inf. se gasta e não se substitue com facilidade; para a art. ha a questão da munição, muitissimo seria, mas que sob o ponto de vista da applicação dos principios geraes, não é o que nos interessa no momento.

O que acabamos de affirmar acerca dos ataques a P.A., de qualquer modo uma applicação do principio da ECONOMIA DAS FORÇAS, que dicta que OS MEIOS DEVEM SER PROPORCIONADOS ÀS MISSÕES, não nega o principio que acabamos de citar um pouco atrás, porque se em tales ataques apenas se proporcionam meios reduzidos em Inf., é para vencer resistencias que preconcebidoamente se supõem também fracas; mas o Chefe tendo na mão o conjunto das suas forças, dispõe das suas reservas para impôr com oportunidade a sua vontade, se o inimigo resiste de modo diferente do que foi imaginado; não ha propriamente, em consequencia, accão parcellada de forças, com actuação de metade e exclusão da outra metade, por exemplo; mas sim inicialmente accão proporcionada a uma determinada resistencia do inimigo, o que não exclue a idéa do emprego opportuno do conjunto se isto se fizer necessário; mas não é o mesmo caso de na defensiva constituir 2 posições, cada uma com metade das forças existentes, o que pôde conduzir à fraqueza em toda a parte, d'á a derrota.

A necessidade, nos ataques a P.A., de empregar meios reduzidos em Inf., faz nascer a idéa de ataque a pontos ou regiões capitais do terreno, cuja posse deve obrigar o inimigo a abandonar os pontos intermediarios, sujeitos ao commandamento dos pontos ou regiões capitais.

Firmadas estas noções passemos á indicação dos objectivos do ataque de 22. Como o ataque dos P.A. visa ganhar a base de partida necessaria ao ataque da posição de resistencia, a indicação dos objectivos vai depender do estudo do terreno sob o ponto de vista do ataque á posição de resistencia do inimigo.

#### ESTUDO DO TERRENO SOB O PONTO DE VISTA DO ATAQUE A POSIÇÃO DE RESISTENCIA; OBJECTIVOS DO ATAQUE DE 22.

A linha de resistencia da posição de resistencia do inimigo parece ter sido instalada, dentro da zona de accão da 1.<sup>a</sup> D.I., na seguinte linha geral: crista N. do mamilão 675 ao sul de FAZ. S. CRUZ — crista N. da região que se estende desde S.E. de J. B. DE FREITAS para E. até crista ou orla N. do planalto central (N. O. de FAZ. MATTÃO) — orla N. do grande planalto a S.O. de FIGUEIRA até a região do estrangulamento 2 klms. sul do mamilão de FIGUEIRA (onde passa o limite E. da zona de accão da D.I.).

A chave da região em que se localiza a posição de resistencia é sem duvida a região do planalto central, N. e N.O. de FAZ. MATTÃO; conquistado esse planalto, que é um nó topographico, o inimigo estará em más condições para continuar a resistir no grande planalto mais a E., a N.E. de MATTÃO. Ora:

Para attingir o planalto central, é preciso atacar pelas garupas que de N. e N.O. convergem na sua parte N. e para isto é necessário partir das regiões sul de PAIXÕES e S.E. de LUIS PAIXÃO. Mas, mesmo que se tome pé na orla N. desse planalto central, se para obrigar o inimigo a abandonar o grande planalto a N.E. de MATTÃO será necessário atacar de N.O. para S.E. partindo do planalto central, e de N.E. para S.O. partindo do mamilão de FIGUEIRA, vê-se claramente então que os principaes objectivos no ataque aos P.A., que constituirão a base de partida no ataque á posição de resistencia, são os seguintes:

o mamilão de FIGUEIRA,

o pequeno planalto e cóllo 2 klms. S.E. de LUIS PAIXÃO,

a garupa a E. de FAZ S. FRANCISCO DE PAULA. Comtudo, ha ainda um facto importante a salientar; é a necessidade de poderem ligar-se intimamente os dispositivos finaes da 1.<sup>a</sup> D.I. e 1.<sup>a</sup> D.C., visto como esta ultima deve apoderar-se da grande garupa a S.O. de FAZ MORUNGAVA e não deve existir entre elal e a 1.<sup>a</sup> D.I. um grande vazio; e isto significa mais summaricamente que a grande garupa ao N. de FAZ NOVA LUSITANA é tambem objectivo indispensavel da 1.<sup>a</sup> D.I. no ataque de 22. É mesmo facil de comprehender a necessidade de uma ligação intima a 22 entre as duas divisões; se por um lado o ataque da 1.<sup>a</sup> D.C. pôde facilitar á 1.<sup>a</sup> D.I. uma manobra sobre a região de PAIXÕES, dada a imprescindibilidade, como veremos d'aqui ha pouco, de posse inicial por parte da 1.<sup>a</sup> D.I. da região do cóllo ao sul de FAZ. MORUNGAVA, a partir da qual ella pôde actuar sobre a região de PAIXÕES a coberto da grande crista, por outro lado torna-se de capital importancia para ataque eventual ulterior da D.C. na direcção de JAHU, quando ella já estiver de posse da grande garupa, um ataque simultaneo da 1.<sup>a</sup> D.I. ao mamilão 675 ao sul de FAZ. S. CRUZ; tudo indica portanto que a 1.<sup>a</sup> D.C. e a 1.<sup>a</sup> D.I. devem dar solidamente as mãos nos seus los. ataques, pelo que deve ser prevista, combinada e executada essa ligação intima; mas á esq. com a 5.<sup>a</sup> D.I., as necessidades de ligação não são por enquanto tão prementes; a 5.<sup>a</sup> D.I. deve fazer o seu esforço ao longo do grande espigão, transversalmente ao qual o inimigo pôde apresentar resistencia successivas, mas a frente de ataque é muito reduzida, ella não sentirá certamente a necessidade do auxilio do vizinho; a 1.<sup>a</sup> D.I. não deve embrenhar-se no valle do RIB. FIGUEIRA, seu interesse maximo d'esse lado, por emquanto, é apoderar-se do grande mamilão, o que ella deverá fazer sem o socorro da 5.<sup>a</sup> D.I.

Fixados os objectivos, passemos ao ESTUDO SUCCINTO DO DISPOSITIVO e MEIOS A EMPREGAR.

Uma 1.<sup>a</sup> idéa relativa á decisão principal, consequente á designação dos objectivos, é a da necessidade de ter de actuar a divisão ainda por Bdias. juxtapostas, separadas pelo valle do RIB. FIGUEIRA VERMELHA.

O estudo que vamos fazer accarreta o estudo do terreno sob o ponto de vista das possibilidades e facilidades de attingir os objectivos fixados. Recorrendo á carta para conhecer embora muito imprecisamente o aspecto geral do terreno, vemos que os objectivos do ataque estão distribuidos irregularmente por toda a frente da divisão.

A E. do RIB. FIGUEIRA VERMELHA está o mamilão de FIGUEIRA; para attingi-lo, atacando, a carta indica o unico caminho aceitável: faze-lo simultaneamente pelo espigão a O. de FAZ. BELLA VISTA e pela garupa ao sul da mesma Fazenda; isto conduz a admittir uma necessidade de 3 Btl. para o ataque, 2 actuando em primeiro escalão; pôde-se pensar desde já em affectar a cada Btl. em primeiro escalão um Gr. de apoio direccio, deixando-se porém com o Cmt. do ataque as 2 Btl. de Mth. para o accomp. immediato.

A O. do RIB. FIGUEIRA VERMELHA os 3 objectivos fixados estão distribuidos quasi symetricamente numa frente de 8 kms. aproximadamente.

Dada a extensão da frente e o n.º de objectivos, vê-se logo que o centro de gravidade do ataque geral da D.I. deve ser deslocado para o lado da 2.ª Bda.; ha ainda a notar que, se os 2 primeiros objectivos estão á mesma altura, proximos, e em situação que bem indica esforços ligados e simultaneos para os atingir, o 3.º objectivo é o mais afastado, excentrico, portanto um objectivo posterior.

O que acaba de ser dito e o conhecimento do dispositivo da D.I. em fim de jornada, levam o Gen. a firmar desde logo um 2.º ponto essencial da sua idéa de manobra: realizar, no dia, a operação principal com a Bda. da direita.

Entremos agora um pouco no detalhe das operações que podem ser indicadas para a posse dos objectivos a O. do RIB. FIGUEIRA VERMELHA. Para atingir o pequeno planalto e collo 2 kms. a S.E. de LUIS PAIXÃO, e a garupa a E. de FAZ. S. FRANCISCO DE PAULA, que são dois objectivos a serem atacados simultaneamente, deve-se partir com os ataques respectivamente da pequena crista logo a S.E. de LUIS PAIXÃO e da região sul de PAIXÕES. Dado o dispositivo de contacto

da vg., escalonado sensivelmente de N.O. para S.E., isto é, com a direita recuada, a esq. avançada, verifica-se que para atacar simultaneamente os dois objectivos citados, partindo da região sul de PAIXÕES e da crista a S.E. de LUIS PAIXÃO, é preciso em 1.º lugar tomar pé na região do colo 2 kms. O. de FAZ. BÔA VISTA, atacando para isto em ligação com a D.C. sobre a alludida região; em seguida visar a região sul de PAIXÕES e a crista logo a S.E. de LUIS PAIXÃO mediante dois ataques, o primeiro dos quaes, sobre a região sul de PAIXÕES, deve ser a combinação de 2 outros: um, de frente, partindo da região de FAZ. BÔA VISTA, outro de flanco, a coberto da crista, partindo da região do colo; o segundo, sobre a garupa imediatamente a S.E. de LUIS PAIXÃO, ataque directo partindo da região de LUIS PAIXÃO, e que não tem nenhuma necessidade de ser ligado ao primeiro.

Tudo isto lembra logo a idéa de seriar os ataques da 2.ª Bda. em tres ou quatro phases (digamos tres para simplificar) nitidamente indicadas no raciocínio que fizemos, e determina que a Bda. tenha inicialmente em 1.º escalão 3 Btls., um dos quaes ocupando o lugar actual do grosso do 1.º R.C.D.; adicionando mais 1 Btl., inicialmente reserva do grupo de ataque, teremos ao todo uma necessidade de 4 Btls. para o esforço da 2.ª Bda.; como apoio de art. podem ser dados 3 Grs. de 75 ou 1 R.A.M., além disto continuando a disposição as 2 Bias. de Mth. para o acomp. immediato. Como os grupos de ataque constituem destacamentos mistos de certa importancia, é conveniente que cada um seja commandado pelo respectivo Gen. de Bda.

A occasião é agora propicia á interrupção momentanea do nosso raciocínio para procedermos a redacção da decisão principal ou idéa de manobra cujos elementos já possuimos todos. Ella pode ser escrita do seguinte modo:

"Atacar á hora 4 com as Bdas. juxtapostas, separadas pelo valle do RIB. FIGUEIRA VERMELHA, sem preparação de art.. Dois grupos de ataque que actuarão simultaneamente; á esq. (E.) 1 R.I. da 1.ª Bda., tendo como objectivo o mameiço de FIGUEIRA; á direita (D.) um grupo de 4 Btls. da 2.ª Bda., cujas operações serão desencadeadas em 3 phases, objectivos finaes o pequeno planalto e região do colo 2 kms. a S.E. de LUIS

PAIXÃO, a garupa a E. de FAZ. S. FRANCISCO DE PAULA, a grande garupa ao N. de FAZ. NOVA LUSITANA. O 1.º R.C.D. a substituir durante a noite por 1 Btl. do grupo de ataque da 2.ª Bda. Hora H — 7 horas."

Recordando todas as considerações feitas até agora e descendo um pouco mais no detalhe das operações a 2d.ª Bda., podemos fazer o seguinte resumo das decisões mais urgentes do Gen. Cmt. da 1.ª D.I. :

1.º — Atacar ás 7 horas, com as Bdas. juxtapostas, limite entre as zonas de acção o RIB. FIGUEIRA VERMELHA. Dois grupos de ataque; á direita o Gen. Cmt. da 2.ª Bda. dispondo de 4 Btls. (3.º R.I. mais 1 Btl. do 4.º R.I.), dos quaes 3 inicialmente em 1.º escalão; apoio do ataque 3 Grs. de 75, acomp. immediato 2 Bias. de Mth.; á esq. o Gen. Cmt. da 1.ª Bda. dispondo de 1 R.I. (1.º R.I.) apoio do ataque 2 Grs. 75, acomp. immediato 2 Bias de Mth.

2.º — Objectivos.

2.ª Bda.:

1.º — região do colo 2 kms. O. de FAZ. BÔA VISTA;

2.º — região sul de PAIXÕES — garupa a S.E. de LUIS PAIXÃO;

2.º — garupa a E. de FAZ. S. FRANCISCO DE PAULA — colo e pequeno planalto a E.;

4.º — grande garupa ao N. de FAZ. NOVA LUSITANA.

1.ª Bda.: malilão de FIGUEIRA.

3.º — Phases do ataque da 2.ª Bda.

1.ª Phase: para a posse da região sul de PAIXÕES e crista imediatamente a S.E. de LUIS PAIXÃO:

a) uma ataque combinado com a D.C. sobre a região do colo ao sul de FAZ. MORUNGAVA: 1 Btl.

b) um ataque de um lado sobre a região de PAIXÕES (combinado), de outro sobre a garupa imediatamente a S.E. de LUIS PAIXÃO: 2 Btls., além dos elementos do ataque auxiliar de flanco.

2.ª Phase: para a posse da garupa a E. de FAZ. S. FRANCISCO DE PAULA e da região do pequeno planalto e colo a E.: dois ataques simultaneos e de frente, dos 2 Btls. da letra b da 1.ª Phase, partindo dos objectivos conquistados.

3.ª Phase: para a posse da garupa ao N. de FAZ. NOVA LUSITANA: ataque de 1 Btl. reserva sobre o objectivo.

O Gen. Cmt. da D.I. desejando effectuar com a 2.ª Bda. uma manobra preconcebida, impõe nas ordens ao Cmt. do ataque os seguintes elementos, que podiam ser da iniciativa desse Cmt.: o n.º de Btls. a ter inicialmente em 1.º escalão, os objectivos successivos, as phases do ataque e o detalhe da sua realização.

Para completar o conjunto de decisões do Gen. Cmt. da D.I. devemos ainda fixar idéas sobre:

a) emprego eventual ao amanhecer da reserva da D.I., e emprego eventual posterior;

b) emprego no ataque do restante da art. da divisão;

c) cooperação dos restantes elementos da divisão.

Veremos isto passando em revista, os diferentes paragraphos da Ordem Geral de Operações.

# A infantaria na Offensiva

**Ensinamentos adquiridos em revistas, livros franceses e aulas do Commandante Dumay (E. A. O.)**

*Pelo 1.º Tte. R. Jourdan*

**P**ARA a Infantaria, qualquer que seja o terreno, livre de obstaculos, sumariamente ou fortemente organizado, *atacar* é sempre progredir de objectivo em objectivo na direcção assinalada.

No conjunto, o ataque consiste em levar a Infantaria de uma certa base de partida ocupada, á uma outra base, de onde se partirá novamente.

A extensão dos lances sucessivos está em relação com as organizações inimigas existentes e a potencia do seu fogo.

A progressão só é possível se houver uma combinação perfeita de fogo e movimento.

Na *aproximação* o movimento predomina, nella a Infantaria não atira, a unica preocupação é ganhar terreno para frente (linhas successivas á attingir), numa determinada direcção (angulo de marcha, pontos importantes do terreno) pôr meio de uma disseminação tão completa quanto possível das unidades, formando-se pequenas columnas, que aproveitando ao maximo as vantagens que o terreno offerece, diminuem o mais possível os efeitos do fogo inimigo (Aviação, Artilharia, Metralhadora Pesada).

No ataque o fogo predomina, pois se as actuaes armas dão a Infantaria na defensiva um poder mortifero possante, capaz de deter ou de tornar dificil o avanço da tropa adversa, este avanço só será possível, quando o fogo da tropa que ataca for capaz de fazer calar o da defesa; dai ser o fogo o factor preponderante no ataque.

Para uma unidade avançar é preciso apoio de fogo, que destrua ou neutralize os orgãos da defesa inimiga, e isso se obtém quando a força atacante possue a superioridade de fogo.

Se o ataque de frente a um inimigo torna-se impossivel, seja pelo seu fogo, seja pelo terreno ou por suas organizações, procura-se tomá-lo de flanco ou envolvê-lo, isto é, executa-se uma manobra.

Manobra "é o fogo que se desloca" e na Infantaria a unidade que realmente á pode executar é o Btl., cuja organização mista, isso permite: o fogo é dado pelas Mtrs. e Engenhos e o movimento pelas Cias. de Infantaria. Os primeiros (Mtrs. e Engs.) constituindo as BASES DE FOGO, deslocando-se por lances e por escalões, de posição em posição de tiro, ou de base em base de fogo, sempre promptas a apoiarem com seus fogos, por cima ou pelos intervallos, directamente ou obliquamente em relação a direcção de ataque, ás unidades que saltem por missão levar a effeito o ataque e o asalto.

No combate da Infantaria tudo é problema de fogo, isto é, a exploração da superioridade de fogo desde o inicio até o fim desejado, em cada compartimento de terreno.

Para avançar é preciso dominar o fogo adverso e ser o menos vulneravel possível, dai ser necessário ao atacante ter um fogo potente e efficaz,

apresentando as suas tropas o minimo de vulnerabilidade.

Para dominar o fogo adverso, é preciso conquistar a superioridade do fogo; para avançar é preciso manter essa superioridade e explorá-la pelo movimento para a frente.

Para satisfazer as condições acima (potencia e efficacia, minima vulnerabilidade, conquista e manutenção da superioridade de fogo) todo Chefe que receber por missão *atacar*, tem de elaborar um Plano de Fogo inicial, de organizar um dispositivo de fogo e de estudar como deslocar esse fogo no decorrer do combate.

Não é só na Defensiva que se tem de estabelecer Plano de fogo, na offensiva tambem, principalmente para o desembocar de um ataque preparado de antemão ou quando este passa de um compartimento a outra de terreno em que o plano de fogo estabelecido para o primeiro não mais serve para o segundo. Diz o regulamento francês (R.G.U. art. 102): "O fogo é o factor preponderante no combate, o ataque é o fogo que avança. O valor do fogo offensivo depende da combinação estreita dos fogos de toda natureza em um sistema organizado e regulado pelo commando"; e que nada mais é do que o estabelecimento de um verdadeiro plano de fogo, consistindo no conjunto das missões dadas ás armas automaticas, de modo a dominar desde o inicio o fogo inimigo e assim permittir o desembocar das tropas atacantes.

E' isso conseguido dando-se missões e dispondo-se as armas no terreno de modo a se conseguir desde o inicio não só a Plenitude como a Superioridade de fogo.

E' necessario então pôr em accão, ou pelo menos em condições de agir instantaneamente, todas as armas necessarias para bater com bastante densidade toda a zona a atacar, "é necessario pôr em jogo todos os fogos necessarios para neutralizar convenientemente o fogo inimigo".

E' isso o que se chama PLENITUDE DE FOGO, que deve ser realizada a priori no momento da partida do ataque: conseguida, seja pela articulação da tropa no terreno, de modo que as unidades de 1.º escalão com seus F. M. espaçados mais ou menos de 50 ms., deem fogo em toda frente de ataque, seja ainda, por esses e pelas diversas outras armas Mtrs. Engs.) constituindo bases de fogo, que por suas características, podem agir por cima ou pelos intervallos das tropas atacantes.

A noção de Plenitude de fogo é a BASE do combate actual da Infantaria.

Ella é o maximo de fogo util que se pode dar mas não prova as mais das vezes ser a Superioridade de fogo. Sua procura é o melhor meio de se conseguir essa superioridade. Daí dizer-se que a origem da superioridade é a plenitude de fogo, razão por que ella deve ser sempre procurada a priori para o desencadear de qualquer ataque.

Tendo-se a plenitude de fogo, se está em condições de actuar sobre os elementos inimigos que se revelarem no momento do ataque ou durante este, em qualquer parte da frente a atacar.

Não basta porém conseguir a *Plenitude de fogo*, é preciso conquistar a *Superioridade de fogo*. As vezes o numero de armas que nos dá a Plenitude é o suficiente para a conquista da Superioridade, porém as mais das vezes tem-se a 1.<sup>a</sup> e não a 2.<sup>a</sup> por verificar-se que as tropas atacantes são detidas pelo fogo inimigo. Daí ser necessário organizar um dispositivo dos órgãos de fogo que:

- a) assegure o maximo de possibilidades de conquistar a superioridade inicial de fogo;
- b) mantenha meios possantes de modo a conservar ulteriormente essa superioridade;
- c) seja susceptivel de permitir o movimento.

Dai dizer-se que o dispositivo de ataque é *um dispositivo de fogo*, tão completo e tão forte quanto possível. O factor essencial de combate é o *fogo* e por isso desde o inicio, o dispositivo deve ser tal que não só permitta adquirir a plenitude como a superioridade de fogo.

Um dispositivo de ataque deve conciliar essas duas condições, maximo de efficacia e minimo de vulnerabilidade dos atiradores.

As actuaes armas da Infantaria, permitem produzir uma grande potencia de fogo, e em razão de suas características proprias, pode-se diluir em largura e em profundidade o dispositivo dos órgãos de fogo.

E' necessário então que um dispositivo de ataque, comprehenda homens para atirar, para marchar, para successão de esforços, e para produzir. "O effeito moral que nunca pode deixar de subsistir, *do homem atacando o homem*".

Assim teremos: de um lado: Cias. de 1.<sup>a</sup> escalão levando a effeito os ataques, por meio de suas armas proprias, F.M., Fuzis, granadas, apoiadas pelos fogos das bases de fogo e seguidas pelas unidades de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> escalões (reserva); de outro lado, as Mtrs. (P. e L.) e Engenhos (C. 37 e Stocks) constituindo bases de fogo, organizadas e commandadas, sempre nas mãos de um Chefe (Cmt. de Btl. ou de R.I.) promptas a apoiarem as unidades de ataque e a se deslocarem para frente, sempre que o ataque passar de um a outro compartimento de terreno ou a acolherem-nas no caso de um insucesso.

A organização de base de fogo, deve ser a preocupação constante de um Cmt. de Btl. ou R.I. toda vez que o terreno a isso permitta. Só assim, elle terá em mão uma massa de fogo que poderá intervir oportunamente, isso é no lugar e no momento em que se torna necessário uma potencia maior de fogo para o bom proseguimento da accção.

A centralização dos órgãos de fogo nas mãos

de Cmdo. nem sempre é possivel, basta que esse depare deante de si com um terreno coberto (bosques, sem campo de tiro) onde a accção desses orgãos seja inefficaz, obrigando-o a uma descentralização, isto é, po-los seja em acompanhamento, seja a disposição das unidades atacantes. Sempre que isso suceder a descentralização impõe-se, porém o Chefe deve ter sempre em mira, reuni-los desde que a situação a isso permitta, para impor a sua vontade sobre o inimigo, pelo effeito da massa, sempre mais vantajoso e efficaz.

Finalmente, uma vez conseguido organizar um dispositivo que nos permitta desde o inicio a conquista da *Plenitude e Superioridade de fogo*, elle deve outrosim permitir a conservação dessa superioridade e sua exploração ulterior, isto é, o *problema de fogo em movimento*, durante o ataque.

O terreno como sempre constitue um dos factores preponderantes nas decisões de um Chefe. Para uma tropa que ataca, elle quasi sempre não apresenta um unico aspecto, ao contrario, varia profundamente; ora planicies, valles, ora elevações, linhas de cristas paralelas ou perpendiculares a direcção de ataque, que constituem compartimentos de terreno distintos, onde armas collocadas em condições de bater efficazmente o primeiro, são inefficazes para o 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, etc., compartimentos. (1).

Para o inicio de um ataque, isto é, ataque ao inimigo no 1.<sup>a</sup> compartimento de terreno, ou no interior de um compartimento qualquer, a continuidade do fogo é possivel, seja pelo tiro continuo das armas automaticas e pontaria estavel (Mtrs. e Engs.), se necessário por cima das tropas amigas em movimento, seja pelo escalonamento das armas proprias das tropas atacantes (F.M. dos Pls., Mtrs. L. postas em acompanhamento), seja enfim pelos tiros de F.M. em marcha.

Porém ao passar o ataque, de um compartimento a outro de terreno, a continuidade do fogo sofrerá, se o deslocamento dos diversos orgãos de fogo não for cuidadosamente previsto e executado em tempo.

Daí ser necessário, toda vez que se aborda um novo compartimento de terreno, deslocar para frente, por escalões, desde que seja possivel, os órgãos de fogo, que ai irão (após um rapido reconhecimento) organizar uma nova base de fogo, tendo em vista, o apoio das unidades no ataque ao inimigo desse novo compartimento.

E assim é traduzido o grande principio que a "*Offensiva é o fogo que avança*" e "*que no ataque tudo é problema de fogo*".

(1) Compartimento de terreno é a faixa de terreno imediatamente na frente, que pode ser batida por armas installadas, sem ser preciso muda-las de posição.

# A Artilharia nos preliminares do combate offensivo

Pelo 1.º Tte. Octavio Paranhos

**T**RATAREMOS particularmente do apoio ás vanguardas. A artilharia terá de fornecer tiros de *apoio directo* e de *protecção* quando as vanguardas procuram iluminar as resistências locaes, e tiros de *deter* quando tiverem de resistir aos ataques dos elementos avançados do adversario. Podemos ainda annexar os tiros contra os objectivos inopinados.

Para abordarmos com segurança o que desejamos, vamos primeiramente definir as expressões: apoio directo — protecção — acção de conjunto, etc., que aparecem a cada instante em toda acção de artilharia na offensiva.

Os tiros de apoio directo, diz o I.G.U. francês art. 178, devem "acompanhar ao mais perto a infantaria, seja de acordo com um plano preestabelecido, seja segundo os pedidos de intervenção da infantaria, aos quais esta artilharia terá a obrigação de satisfazer em todos os momentos do combate".

Estes tiros, diz ainda o I.G.U. artigo 190, "permitem a infantaria de abordar o inimigo antes que elle possa fazer um uso efficaz das suas armas. São graduados conforme a manobra da infantaria e se adaptam as organizações e aos obstáculos do terreno".

Consistem seja no bombardeio dos objectivos *mais próximos*, prolongado até o momento onde os progressos do ataque obriguem a longar o tiro, seja n'uma barragem rolanter densa e profunda (de emprego muito excepcional no Brasil), seguida sem de perto pela primeira linha e se fixando na sua frente quando ella parar, seja n'uma combinação destes dois processos.

A característica principal dos tiros de apoio directo é então que este genero de tiro deve ser applicado perto da infantaria.

A palavra directo attribuida a estes tiros, significa que elles atacam os objectivos que interessam directamente à infantaria na sua zona de combate.

Quer haja plano preestabelecido ou pedidos de intervenção feitos pela infantaria a um dado momento, quer a infantaria sujeite sua manobra aos fogos da artilharia ou que a artilharia molde seus fogos a marcha da infantaria, em todas as circunstâncias, a artilharia deve collocar seus projectis o mais perto da infantaria e aonde ella pede. Portanto, é necessário que haja uma estreita ligação entre as duas armas; porém, por mais intima que seja não será mais do que um processo permittindo realizar o fim procurado, isto é, "collocar os projectis o mais perto possível da infantaria".

Sendo a artilharia de campanha de 75, artilharia leve, quem atira *mais perto* da infantaria, será a esta que devemos appellar para os tiros de apoio directo.

De tudo isto decorre uma primeira conclusão: normalmente a artilharia de 75 desempenhará só a missão de apoio directo.

Em alguns casos particulares (zona em contra verrente que o 75 não pode alcançar, etc.), o canhão de 155 curto substitue o canhão leve de tiro tenso. Porém nunca substituem o efecto do 75, ficando sempre menos densos e se revelam sempre mais cédo.

Passemos aos tiros de protecção.

Os tiros de protecção tem por fim (I.G.U. artigo 191): "prolongar a acção dos fogos de apoio directo n'uma zona a mais profunda possível, neutralizando os pontos d'onde o inimigo pode agir por seu fogo.

Surpreendem os objectivos fugitivos que se revelarem, em particular as tropas de contra ataque, seja durante sua reunião, seja no momento do desembocar.

Mascaram enfim o ataque cegando os observatorios provaveis do inimigo".

Para prolongar os tiros de apoio directo os canhões pesados, em virtude da margem de segurança dever ser superior a dos canhões leves, são os mais indicados.

Para neutralizar os fogos adversos, pode-se empregar tanto o canhão leve como o pesado.

Para os objectivos fugitivos, poderemos igualmente empregar um ou outro, porém o tiro do canhão de 75 se desencadeia muito mais rapidamente, esta vantagem é importantissima e deve ser utilizada.

Para cegar os observatorios, se possuirmos granadas fumígenas, o 155 Curto das nossas divisões é mais económico que o 75, porque empregará uma peça onde o 75

D'onde 2.ª conclusão: os tiros de protecção são, em geral, da alcada do 155 curto, salvo no que diz respeito aos objectivos fugitivos, que ha necessidade de se atacar rapidamente.

A artilharia de protecção deve então compreender o 155 e um pouco de 75.

Vejamos agora a acção de conjunto.

No que concerne a repartição da artilharia na D.I., a I.G.U. artigo 178 diz:

"O conjunto da artilharia é articulado em agrupamentos adaptados ao dispositivo da infantaria e suscetível ao mesmo tempo de concorrer nas concentrações de fogos que as circunstâncias do combate poderão tornar necessarios.

O commandante da divisão reparte geralmente sua artilharia em 2 fracções:

- uma, chamada de *apoio directo*, cujos fogos devem acompanhar de perto a infantaria;
- outra, dita de *acção de conjunto*, que permitirá ao general de divisão de fazer sentir sua acção no correr da luta por concentração de fogos nos pontos uteis, e que, frequentemente, prolongará, por tiro recto.

O conjunto destas duas fracções é colocado sob as ordens do Cmt. da A.D. que constitue os agrupamentos, reparte as missões, atribue as posições e os observatórios".

Para bem compreender este texto resta-nos vér o que é preciso entender por acção de conjunto.

E' a acção de conjunto uma missão propriamente dita?

O apoio directo, como vimos, é uma missão nitida: fornecer o apoio directo dos seus fogos a uma tropa determinada; é para o artilheiro, collocar os seus tiros numa região bem definida do terreno, o mais perto desta tropa e na sua frente.

A protecção se traduz tambem por missões nitidas: neutralizar certos orgãos de fogo; tiros sobre objectivos n'uma determinada zona; cegar tales observatorios.

A acção de conjunto é muito mais vaga e, representa em summa, conforme o caso, uma ou outra das missões que acabamos de vér. O regulamento, aliás, a define como devendo permitir ao general de divisão de fazer sentir sua acção no correr da luta por concentrações de fogos

sobre os pontos uteis, sem precisar, se estas concentrações tomarão a forma de tiros de apoio directo ou de protecção.

O mesmo regulamento ainda diz: "ás mais das vezes" esta acção de conjunto prolongará por tiros chamados de protecção, os tiros de apoio directo.

Mas estas palavras *ás mais das vezes* não querem dizer sempre?

Se encararmos o 75 é legitimo de admittir que, já que este canhão é particularmente apto ao apoio directo, se o general de divisão attribue uma fracção a acção de conjunto, esta será, sobretudo, com a missão de reforçar em certos pontos os tiros de apoio directo.

Se uma divisão tem uma brigada engajada e se esta ultima unidade faz o esforço successivamente pela direita, depois pela esquerda, esta missão de acção de conjunto será de reforçar os tiros de apoio directo do regimento da direita até a conquista de um primeiro objectivo, depois os tiros de apoio directo do regimento da esquerda para a conquista de um outro objectivo, etc. . .

O 75 de acção de conjunto aparece assim como uma balança de fogos, permittindo reforçar o apoio directo nos pontos uteis, segundo um plano estabelecido previamente depois do estudo de phase por phase e objectivo por objectivo.

O mesmo 75 de acção de conjunto poderá tambem ser encarregado das missões de protecção, seu emprego se concebe, neste caso, por tiros contra os objectivos inopinados que demandar desencadeamento rapido, tales como, tropas de contra ataque, etc. Mas se prescrevendo a uma unidade de 75 de atirar por prioridade sobre um objectivo fugitivo, é preciso evitar immobiliza-la, de lhe fazer montar guarda, na previsão de uma hypothese que talvez não se realize.

Por outras palavras, se uma unidade de 75 recebe como missão de primeira urgencia atirar nos objectivos fugitivos que o avião pode lhe assinalar n'uma zona dada, missão, cuja necessidade pode muito bem jámais se manifestar durante a operação, esta mesma unidade, receberá utilmente a missão, que por ser de segunda urgencia, será talvez sua missão corrente, isto é, reforçar sobre um ponto útil os tiros de apoio directo, porque, estes, nunca serão muito densos se queremos poupar os esforços physicos e moraes do infante.

Emfim, excepcionalmente o canhão de 75 pode, como ultimo modo de protecção, ser chamada a neutralizar fogos inimigos situados fóra da zona dos tiros de apoio directo. Conforme o que acabamos de dizer vemos quanto este genero de emprego deve ser limitado.

Todo 75 atribuido a uma tal missão será perdido para o apoio directo, que nunca é muito forte; será melhor, neste caso, appellar para o 155 curto.

Se entretanto o 75 recebe uma tal missão, esta será por exemplo no curso de uma operação local, onde não se empenha senão um fraco efectivo de infantaria, não exigindo, por consequencia, para um apoio directo, senão uma fracção de artilharia leve e deixando algumas disponibilidades de fogos de 75, que poderão, sem inconveniente, assegurar o genero de protecção que estamos tratando. Talvez entre nós isto se dê, não só para suprir a falta do 155, se este custar a chegar, assim como se a operação, como no caso do engajamento, precisar ser conduzida rapidamente.

Resumindo:

- O apoio directo será desempenhado, salvo exceção muito rara pela artilharia de 75.
- A acção de conjunto exige normalmente o concurso do 155 curto, ella o emprega nas diferentes missões de protecção.

A acção de conjunto fará appello ao 75:

1.º) Para reforçar o apoio directo nos pontos julgados uteis pelo commando, permittindo-lhe variar como entende o ponto de applicação do seu esforço;

2.º) Para cumprir certas missões de protecção, desencadear rapidamente os tiros sobre os objectivos fugitivos, neutralizar as vezes os fogos adversos fora da zona dos tiros de apoio directo.

Estamos agora em condições de resolver o nosso tema, isto é: *missões geraes e repartição da artilharia na aproximação e na tomada de contacto.*

Supponhamos que uma divisão marcha tendo duas vanguardas. Os tiros de apoio directo, de protecção e de deter podem a um mesmo momento ser necessarios a cada uma das vanguardas; mas pode ser tambem que só uma dentre el'es tenha momentaneamente necessidade d um apoio muito forte. Vemos, por consequencia, a necessidade de dispor de uma artilharia de acção de conjunto muito importante, e, poderemos tentar reparti-la em duas fracções:

— UMA FRACA: de apoio directo dividida entre as vanguardas, fornecendo a cada uma os tiros de apoio directo ou os tiros de deter que necessitar;

— OUTRA FORTE: de acção de conjunto, permittindo o balançamento dos fogos, fornecendo o reforçamento do apoio directo ou dos tiros de deter e os tiros de protecção.

Se olharmos de mais perto, achamos uma tal repartição um pouco formalista.

Primeiramente é preciso marchar por lances, e a um momento dado, por consequencia, uma parte da artilharia somente, cerca de metade, está em condições de intervir. Se fraccionarmos esta metade em categorias muito separadas, arriscamo-nos de esphaciar sem proveito a artilharia. Além disto, neste momento, o que pode ser pedido é um tiro sobre quaquer objectivo pouco numeroso, tiro a desencadear rapidamente pelas baterias promptas, sem se saber mesmo se são de apoio directo ou de protecção, etc.

Uma vanguarda composta de 1 Btl. sabe que pode contar com o apoio de 1 grupo de 75 que marcha por lances á sua retaguarda, em condições de intervir óra com 1 óra com 2 baterias. Se esta vanguarda se achar impedida na sua progressão por fogos de flanco da orla de um bosque collocado á sua esquerda, por exemplo, não é de tiros de apoio directo que ella tem necessidade neste momento, mas de tiros de protecção neutralizando-os e permittindo-lhe prosseguir sua marcha.

Quem lhe fornecerá mais cédo estes tiros?

Evidentemente o grupo encarregado de apoiá-la.

Podemos, nestas condições, qualificá-lo de apoio directo?

E, se um objectivo inopinado surge, tal como um movimento de tropas suspeito na frente desta vanguarda, quem atirará, não será este mesmo grupo?

E então como denominá-lo?

Na realidade em toda esta phase dos preliminares do combate não se pode falar de apoio directo e de acção de conjunto.

Ha, simplesmente, na retaguarda das vanguardas, uma artilharia susceptivel de realizar em seu proveito alguns efeitos de concentração que não pode fornecer o acompanhamento immediato. Esta artilharia mantem-se prompta para apoiar do melhor modo a vanguarda, executande, segundo o caso, tiros de apoio directo ou tiros de toda outra natureza.

O que é importante é não catalogar a artilharia mas articula-la de maneira que possa cumprir sua missão.

Como é essencial intervir rapidamente, é a artilharia de 75 que faremos appello logo no inicio (haverá mesmo

necessidade de grupos de montanha mais manobreiros), enquanto que as primeiras resistencias serão sem duvida pequenas.

Encarregaremos então ao 75 de todos os tiros de apoio ou de protecção a infantaria e, eventualmente, dos tiros contra os objectivos inopinados.

Para poder apoiar cada vanguarda separadamente, e caso de necessidade, o 75 será repartido em tantos agrupamentos quantos forem as vanguardas propriamente ditas: cada agrupamento apoiará, em principio, uma vanguarda determinada, dará satisfação aos seus pedidos de tiros e será de uma força proporcional a importancia do papel da vanguarda apoiada.

Porém, os agrupamentos assim constituidos, não serão como a artilharia de acompanhamento immediato, á disposição das proprias vanguardas, é preciso poder em caso de necessidade apoiar muito fortemente uma determinada vanguarda antes que uma outra; então, manter estes agrupamentos sob um commando de conjunto.

De outra parte, é preciso não esquecermos que o conjunto dos preliminares do combate: marcha de aproximação, tomada de contacto e engajamento é um acto da divisão, conduzido pelo proprio general commandante, o qual, se bem que marchando na testa do grosso, continua a commandar toda a divisão e não este grosso sómente, e que deve estar a todo momento prompto a tomar a direcção do combate. Portanto o general de divisão não pode e não deve renunciar do commando de sua artilharia; po-

rém, tudo que pode e deve fazer é de definir previamente, com precisão, em quais condições os agrupamento de apoio as vanguardas, constituidas por sua ordem, devem abrir o fogo em caso de pedido directo destas ultimas.

Se exigir, com efecto, que o fogo não seja aberto senão sob sua ordem, arriscará perder tempo podendo arrastar ou um reforçamento da resistencia encontrada ou, diante de um inimigo offensivo a perda de um ponto interessante ocupado pela vanguarda.

Se deixár, ao contrario, toda independencia á seus subordinados, arriscar-se-á de ver os tiros desencadeados a cada instante e fóra de tempo, acarretando uma despesa prematura de munições que serão tão preciosas no momento do ataque.

Deve então, parece-nos, autorizar os grupos de preparar os tiros, abrir o fogo sob o pedido directo das vanguardas, prohibindo-lhes, formalmente, de ultrapassar, sem ordem, um certo consumo.

Todo este commando se exerce por intermedio do Cmt. da A.D.

*Conclusão:* A artilharia que eventualmente apoia as vanguardas é a de 75. A classica repartição de artilharia de apoio directo e de artilharia de acção de conjunto não tem razão de ser durante as phases preliminares do combate offensivo.

Esta repartição achará seu lugar quando tivermos de montar uma operação de uma certa importancia.

Setembro, 1927.

## Uniformizar para distinguir ou uniformizar para confundir?

*Uniforme — que tem uma só forma; que não tem variedade.*  
Assim o define Cândido de Figueiredo.

Como poderíamos definir nós essa polycromia de uniformes que pretendem copiar o Exercito e que sem lhe ser uniforme nos deveres e nas exigencias lhe é na apparencia e na exterioridade?

Das duas, uma. Ou as corporações militares se fardam para se distinguir entre si, distinguindo-se nos seus deveres de disciplina collectiva e exige que nada se lhe assemelhe ou copie, ou então consentem que de uma feita se fardem todos os meninos á nossa perfeita semelhança e se lhe dêm honras, obrigações e vantagens materiaes.

Porque o que choca nesse pouco caso da distincão entre collegios e exercito, não é propriamente a distincão entre meninos e homens, mas a diferença entre a pilheria, o ridículo, o carnaval, e a razão superior — unica, necessaria, do fardamento.

Antes de mais nada é preciso ponderar que nos distinguindo por uniformes não criamos senão uma obrigação de disciplina collectiva específica — supplementar a disciplina de todo homem que vive em sociedade. Ora se dermos de mão a ella; se consentimos que paralelamente a nós se enfileirem todos os Jardins de Infancia fantaziados de Exercito, isso redundará num afrouxamento daquella disciplina supplementar que o fardamento criou.

E é por isso que, ignorante das hierarchias ou do aspecto externo de cada fardamento, muita gente leva, ao Exercito, as criticas de indisciplina de falta de modos, de má educação de qualquer collegial menos comportado.

E além disso revella um profundo mau gosto; uma ausencia completa da finalidade do fardamento em cuja essencia se alliam e devem alliar, em pregos razoaveis.

Que dizer dos calções, das perneiras, das esporas, dos bonés americanos e quejandas, arrumados sobre um corpinho adolescente que quer liber-

dade, movimentos livres, folga, e não monta e não anda no campo, etc., etc?

Assunto altamente curioso pelo lado esthetic, pelo lado moral e até pelo lado da propria hygiene da criança. Habitúá-la ao fardamento militar não é criar-lhe nenhum sentimento de civismo que é qualidade a desenvolver e não artigo de aluguel e sobretudo, porque lhe deturpa o verdadeiro sentimento de respeito áquelas entidades cujo prestigio ella malbaratou copiando, imitando — fingindo della, nos seus brincos infantis.

Que a Associação Brasileira de Educação, a Liga de Defesa Nacional, o Conselho Superior de Ensino e todas as Associações e os espíritos que no Brasil amam na criança o homem de amanhã e queiram-na respeitada e respeitadora, se aliem nessa campanha de hygiene, de bom gosto e de boa educação.

E além delas que os órgãos competentes do Exercito façam cumprir umas coisas que a respeito de fardamentos collegiaes estão regulamentadas entre nós.

# Tactica de Artilharia

*Cap. A. Prati de Aguiar*

O FIM que temos em vista apresentando um Thema de Artilharia ás cogitações dos leitores da "A Defesa", se resume em proporcionar-lhes uma occasião favorável ao estudo em minucia de certos pontos da Tactica d'esta arma.

Na verdade, os themes como êste, exclusivamente de Artilharia, respondem sómente a uma necessidade de estudo; porque, de facto, não se encontram, na realidade, questões de Tactica de Artilharia, isoladas.

No domínio da Tactica, as diversas armas se apresentam sempre ligadas. Por conseguinte, qualquer tema, para que se relacione melhormente com as realidades, deverá ser formulado num quadro geral, em que se achem representadas todas as armas. Mas, se quisermos focalizar em minucia o emprego tactico de uma delas, em particular, o processo natural a seguir será o que adoptamos aqui: arbitrar, como definitivamente resolvida a parte tactica relacionada com as outras armas e limitar o estudo ás questões attinentes unicamente á arma escolhida.

Sem querermos seguir a natural tendencia de cada um, no sentido de defender o que lhe toca mais de perto, temos o designio de chamar a atenção dos leitores da "A Defesa" para a importancia particular de que se reveste o estudo da Tactica de Artilharia, entre nós.

De um lado, pela fraca proporção de Artilharia de que dispomos e disporemos; de outro, pelas dificuldades enormes que revestirá o seu remuniciamento em campanha.

Estas duas circunstancias indiscutíveis são de molde a aconselharem o estudo aprofundado da Tactica desta arma, de modo que possamos tirar dela, em campanha, o maximo de rendimento possível com o minimo de meios.

Certo, esta conclusão não é válida para outros Exercitos, como os europeus, de um modo geral, por isso que dispõem de industria miliar propria e de meios e vias de comunicações taes, que os problemas de remuniciamento e reabastecimento se apresentam deveras simplificados.

O tema, que passámos a propôr, se enfeixa num Destacamento de Retaguarda; propositadamente escolhemos um âmbito menor, que o de uma Divisão de Infantaria, de modo a partirmos de uma questão simples.

## THEMA DE ARTILHARIA

*Cartas — S. PAULO: Folhas de MOGY MIRIM e RIO CLARO, escala 1|100.000.*

*S. PAULO e MINAS: escala 1|750.000*

## SITUAÇÃO GERAL

Nos primordios da guerra, trayada entre dois Estados vizinhos, o Partido de Oeste (vermelho), aproveitando-se da rapidez com que se effectuou a sua mobilização, tomou imediatamente a offensiva sobre o adversario, actuando de um lado e de outro do rio PIRACICABA e fazendo o esforço principal pelo Sul.

Tendo rechaçado facilmente os elementos de cobertura do Partido Este (azul), os vermelhos se empenharam deante de importantes forças azuis num primeiro encontro, onde aliás não conseguiram resultado decisivo algum.

A partir d'aí, os azuis iniciaram uma manobra em retirada, cedendo terreno palmo a palmo, sem aceitarem o combate a fundo, mas praticando numerosas destruições.

Na primeira semana de dezembro, o agrupamento das forças vermelhas, operando ao N. do rio PIRACICABA, se achava na zona MOGY MIRIM-ITAPIRA-SOCCORRO-AMPARO-COSMOPOLIS; elle comprehendia duas D.I. e uma D.C., em cobertura do flanco esquerdo (agindo ao N. do rio MOGY GUASSÚ). Este agrupamento se achava em ligação por SOUSAS com o agrupamento principal, cuja actuação se fazia ao S. do rio PIRACICABA.

Em contacto com os primeiros elementos vermelhos se achavam apenas forças de cavallaria azul, com fracções de Infantaria e algumas baterias de 75.

Por esta mesma época, importantes forças vermelhas, vindas do interior, se reuniam na região de BOTUCATÚ (a mór parte) e na de BROTAS-RIO CLARO (duas D.I.). Estes reforços não poderiam, porém, entrar em acção antes do fim de dezembro.

Pelas informações de agentes e pelo resultado dos reconhecimentos de Aviação, que assinalavam desde alguns dias reuniões consideraveis de forças azuis na região de POUSO ALEGRE, pôde-se prevêr, que uma importante offensiva azul seria desencadeada contra a ala esquerda vermelha.

Para escapar á pressão dos azuis, capaz de se exercer em curto prazo, o commando em chefe dos vermelhos tomou, no dia 8 de dezembro, a decisão de retrair para O. todas as forças, que actuavam ao N. do PIRACICABA.

A retirada se fez por marchas nocturnas, sob a protecção da D.C., que substituiu a Infantaria, então em contacto com os azuis.

O objectivo dos vermelhos, fazendo a manobra em retirada, era attingir e organizar uma posição defensiva, rebalizada pelo Maciço de Est. REMANSO e pelo M. da MATTA NEGRA, na qual poderiam resistir pelo tempo necessário á chegada dos reforços, então em reunião, e com os quaes retomariam a offensiva.

Na manhã de 15 de dezembro a situação do agrupamento vermelho ao N. do PIRACICABA é a seguinte:

A 1.<sup>a</sup> D.I., que se achava inicialmente na região de ITAPIRA, tendo atingido na noite de 13|14, a região de Est. REMANSO, iniciou, a seguir, os trabalhos de organização defensiva. O seu R.C.D., cobrindo os postos avançados da Divisão, estabeleceu-se na linha Dr. ALEXANDRE Faz. S. JERONYMO.

A 2.<sup>a</sup> D.I., que operava ao S. da 1.<sup>a</sup> e que na retirada teve de passar tambem por MOGY MIRIM, o que a obrigou a seguir as pegadas desta divisão, attingiu com a sua cauda, na noite de 14-15, a margem O. do Rib. do FERRAZ. Seus elementos se acham bivacados ao longo da estrada para ARARAS, entre Faz. S. ANTONIO e Faz. do RETIRO. Na noite de 15|16 a divisão deverá transportar-se para a zona Est. LORETO-ARARAS-FURNAS.

A 1.<sup>a</sup> D.C. recuava lentamente sob a pressão dos azuis; na jornada de 14, ella se achava em contacto com o inimigo ao longo da linha ferrea MOGY GUAÇU-MOGY MIRIM e mais ao S., porém durante a noite de 14|15 teve de transportar a sua defesa para a linha PONTE ALTA DE BAIXO-SITIO DO CAMPO.

No decorrer do dia 15 o inimigo, depois de ter retomado o contacto com a D.C., por volta de 9 horas, ao longo do Rib. da VATINGA, desencadeou ás 12 horas um ataque, apoiado por artilharia de 75 e conseguiu ás 14 horas tomar pé nas alturas, entre o Rib. da VATINGA e o Rib. da PONTE ALTA.

Mais ao S., ao contrario, elementos ligeiros da D.C. vermelha, dispostos na sua ala direita (região entre PONTE ALTA e SITIO DO CAMPO), tiveram, até esta hora, de enfrentar apenas patrulhas de cavalaria inimiga, que facilmente foram rechaçadas; um reconhecimento mandado até Faz. ds PITEIRAS por SITIO DO CAMPO, não encontrou inimigo. Reconhecimentos da aviação vermelha assinalaram ás 10 horas: actividade intensa, em MOGY MIRIM e ITAPIRA; columna continua, entre estas duas localidades; co'umna de todas as armas, entre MOGY MIRIM e M. VERMELHO e entre MOGY MIRIM e JOÃO BAPTISTA. Nada ao S.

#### SITUAÇÃO PARTICULAR

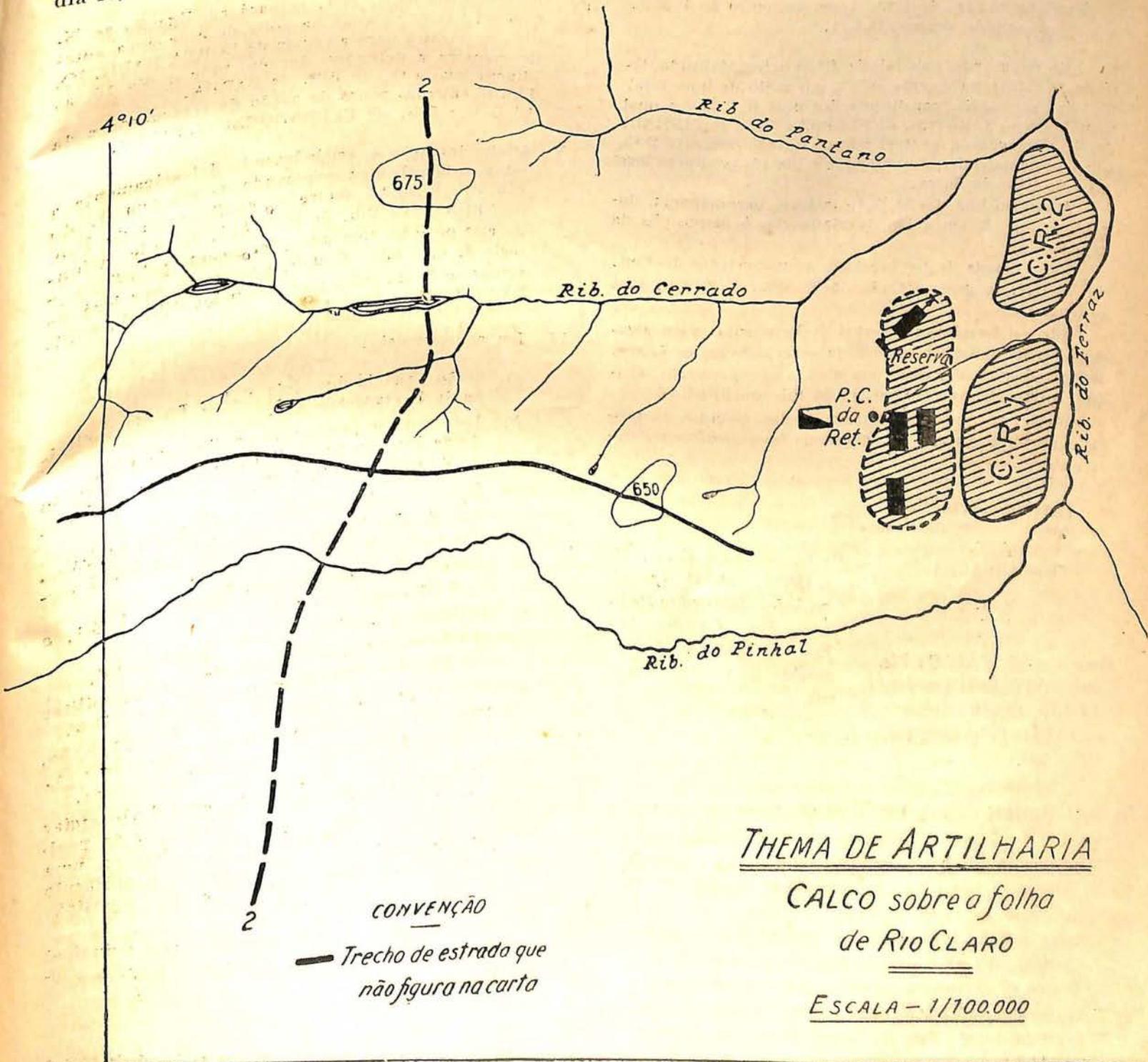
Deante dos factos até aqui citados, para manter fóra do alcance inimigo o grosso da 2.<sup>a</sup> D.I., nas suas ultimas etapas, e para ganhar o tempo necessário a uma melhor organização da posição defensiva, o general Cmt. do agrupamento de forças vermelhas, actuando ao N. do rio PIRACICABA, que se acha em ARARAS, toma, ás 10,30 do dia 15, as decisões seguintes:

1.<sup>a</sup> A 1.<sup>a</sup> D.C., continuando a resistir á pressão inimiga, durante este dia, aproveitar-se-á da noite de 15/16 para romper o combate e, deslizando para N.O., estabelecer-se-ha atrás do Rib. da BARRA, entre o Rio MOGY GUACU e o Rib. do CERRADO, tendo como missão (em ligação á direita com uma retaguarda, deixada pela 2.<sup>a</sup> D.I.) impedir ao inimigo a passagem do Rib. da BARRA, durante todo o dia 16.

2.<sup>a</sup> A 2.<sup>a</sup> D.I., continuando com o seu grosso na noite de 15/16 a marcha para O., deixará da linha Rib. do FERRAZ-GUAIQUICA uma retaguarda, fortemente dotada de artilharia e de cavalaria, a qual, operando em ligação com a 1.<sup>a</sup> D.C. ao N., terá por missão impedir ao inimigo, durante o dia 16, de tomar pé a O. da referida linha.

O 1.<sup>a</sup> R.C.D. será posto á disposição da 2.<sup>a</sup> D.I., em DELGADO, ás 15 horas do mesmo dia.

3.<sup>a</sup> Salvo ordens em contrario, a 1.<sup>a</sup> D.C. e a retaguarda da 2.<sup>a</sup> D.I., depois de impedirem durante o dia 16 a progressão do inimigo para O. da linha indicada, terão, durante a noite de 16/17, de romper o contacto e



vir offerecer nova resistencia na linha 2, indicada no calco annexo.

Limite entre a D.C. e a retaguarda da 2.<sup>a</sup> D.I.: Rib. do CERRADO-Est. LORETO.

Recebendo em ARARAS, ás 11 horas, a ordem do Cmt. do agrupamento N. do PIRACICABA, na qual se encerram as decisões acima, o general Cmt. da 2.<sup>a</sup> D.I. constitue a retaguarda alludida e designa para commandá-la o general Cmt. da 3.<sup>a</sup> Bda. de Infantaria.

Sua composição é a seguinte:

- 5.<sup>o</sup> R.I.
- 3.<sup>o</sup> R.A.M.
- 2.<sup>o</sup> G.A. Mth. (a 4 Bias.).
- 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> R.C.D.
- 1/3 Cia. Saps. Mins.

Dest. da 2.<sup>a</sup> Cia. de Trns. (com um posto de T.S.F. de grande alcance, O.C.).

Esta retaguarda, cuja missão ficou acima definida, terá de se cobrir fortemente ao S., por meio de uma Bda. de Cav. provisoria, constituída dos dois R.C.D., a qual manobrará ao S. do Rib. do FERRAZ e Rib. do PINHAL. Ao N., a retaguarda manterá estreita ligação com a 1.<sup>a</sup> D.C., que terá de defender, durante todo o dia 16, as alturas logo a O. do Rib. da Barra.

A esquadrilha da 2.<sup>a</sup> D.I. terá em permanencia, durante o dia 16, um avião de vigilancia, á disposição da retaguarda.

Logo depois de ter recebido as prescrições do Cmt. da 2.<sup>a</sup> D.I., o general Cmt. da 3.<sup>a</sup> Bda. I. deu as suas ordens.

Ellas determinavam certos deslocamentos para algumas das unidades da retaguarda e accionavam os órgãos de reconhecimento, tendo em vista a ocupação da posição, localizada na margem O. do Rib. do FERRAZ.

Mais tarde, como confirmação das medidas já postas em pratica, o Cmt. da retaguarda fez expedir a seguinte ordem:

#### Partido Vermelho Agrupamento N. do Piracicaba

2. <sup>o</sup> D. I. <b>RETAGUARDA</b> <hr/> E.-M. <hr/> N. ...	CARTAS — S. PAULO: Fls. de MOGY MIRIM e RIO CLARO, escala 1:100.000; S. PAULO E MINAS; esc. 1:750.000.
---	---

P. C. no valle do C. do CAMPO LIMPO (proximidades da estrada BARBOSA-Faz. CAMPO ALTO), 15 (quinze) de Dezembro, ás 13 (treze) horas.

#### ORDEM GERAL DE OPERAÇÕES N. Q.

I. Na manhã de hoje o inimigo retomou, por volta de 9 horas, o contacto com a nossa D.C., a qual, durante a noite de 14|15, havia transportado a sua defesa para a linha PONTE ALTA DE BAIXO-SITIO DO CAMPO. Às 12 horas o inimigo desencadeou uma ataque de infantaria, apoiado por artilharia, parecendo que pretende se apoderar das alturas, compreendidas entre o Rib. da VATINGA e o Rib. da PONTE ALTA.

Até essa hora, o inimigo não tinha ainda sido assinalado ao S. da estrada MOGY MIRIM-JOÃO BAPTISTA.

- II. Nossa 2.<sup>a</sup> D.I. deverá continuar na noite de hoje o movimento para O. Ela deixará, porém, na margem O. do Rib. do FERRAZ, sob meu commando, uma forte retaguarda, constituída dos seguintes elementos:
  - 5.<sup>o</sup> R.I.
  - 3.<sup>o</sup> R.A.M.
  - 2.<sup>o</sup> G.A. Mth.
  - 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> R.C.D.
  - 1/3 Cia. Saps. Mins.
  - Dest. da 2.<sup>a</sup> Cia. de Trns. (com um posto de T.S.F. de grande alcance, O.C.).
- III. A missão desta retaguarda consiste em impedir que, durante toda a jornada de 16, o inimigo tome pé nas alturas imediatamente a O. da linha Rib. do FERRAZ-GUAIQUICA.
- IV. A retaguarda da 2.<sup>a</sup> D.I. actuará em ligação ao N. com a 1.<sup>a</sup> D.C., a qual, na noite de hoje para amanhã, se retrairá para a região de CORTA RABICHO, de maneira a defender, durante todo o dia 16, as alturas logo a O. do Rib. da BARRA. Limite entre as zonas de acção da retaguarda e da 1.<sup>a</sup> D.C.: Rib. do CERRADO-Est. LORETO.
- V. Minha intenção é, estabelecendo defensivamente a retaguarda sob meu commando na margem O. do Rib. do FERRAZ (entre as confluencias do Rib. do CERRADO e Rib. do PINHAL), defender a fundo esta posição, cobrindo-a fortemente pelo S., por meio de uma Bda. de Cav. provisoria, que terá de actuar ao S. da linha marcada pelos Rib. do FERRAZ e Rib. do PINHAL.
- VI. Em consequencia:
  - a) Serão organizados dois C.R., na zona atrabuida á retaguarda (\*).
  - b) Esta zona se estende da confluencia 1 km. ao S. de Faz. do RETIRO á confluencia 3 kms. a E. de LUIS DE CASTRO.
  - c) Os C.R. serão separados pelo pequeno Rib., que desagua no Rib. do FERRAZ, a 2.300 metros ao N. de Faz. do RETIRO.
  - d) Cada C.R. disporá, como meios, de 1 Btl. e de 1 Sec. de Mtrs. Pes.
  - e) Linha de vigilancia: o Rib. do FERRAZ.
  - f) Linha principal de resistencia: crista militar das alturas imediatamente a O. deste Rib.
  - g) Reserva ás minhas ordens: 1 Btl. de I., 1/2 Cia. Mtrs. Pes. (do 5.<sup>o</sup> R. I.) e 1 Esq. de Cav. Localização das reservas: vêr calco annexo.
  - h) Os elementos em P.A. terão por missão vigiar o inimigo e informar aos defensores da posição principal de resistencia; offerecer uma primeira resistencia, aproveitando o obstaculo do Rib. do FERRAZ; retrahir-se sobre a posição principal, mediante ordem.
  - i) Os elementos, dispostos na posição principal de resistencia, deverão resistir no lugares a todo custo.

(\*) Deve ficar bem comprehendido, que se exclue desta zona a que cabe á tropa de cobertura do flanco direito.

j) Ligações com a D.C. e com a Bda. de Cav. provisoria: a cargo dos Btls. do 1.º escalão.

### VII. Cavallaria.

A Bda. de Cav. provisoria, constituída dos 1.º e 2.º R.C.D., sob o commando do Cel. do 2.º R.C.D., tendo por missão geral a cobertura do flanco direito da posição defensiva, depois de ter retardado o mais possível o inimigo na passagem do Rib. das PEDERNEIRAS, deverá impedir a sua progresso para O. do Rib. de QUAIQUICA, durante todo o dia 16.

Sua zona de acção é limitada ao N. pelos Rib. do FERRAZ e Rib. do PINHAL.

### VIII. Artilharia.

.....  
.....  
.....

### IX. Engenharia.

.....  
.....  
.....

### X... Ligações e transmissões.

.....  
.....  
.....

### XI. Localização dos P. C.

P.C. da retaguarda da 2.ª D.I., no córrego do C. do CAMPO LIMPO, proximo á estrada BARBOSA-Faz. CAMPO ALTO.

Faz. CAMPO ALTO.

P.C. da artilharia, junto ao da retaguarda.

P.C. do Cmt. da Bda. de Cav. provisoria. ....

### XII. Os T. C<sub>2</sub> deverão se manter a O. da linha, marcada pelo C. do CAMPO LIMPO.

Os T. C<sub>1</sub> com as unidades.

O Gen. Cmt. da Retag. da 2.ª D.I.  
X.

### INDICAÇÕES SOBRE O TERRENO

Na zona atribuída á retaguarda da 2.ª D.I., o terreno se apresenta coberto de cafezaes. Apenas no valle do Rib. do CERRADO se encontra uma faixa estreita de matto alto, no trecho comprehendido entre a confluencia do Cor. do PICA PÃO e S. VICENTE.

Por isto e tambem por não haver diferenças de nível sensíveis entre os diversos pontos desta zona de terreno, as vistas não são muito extensas e os campos de tiro muito limitados. Não obstante, é perfeitamente exequivel atirar nas ruas dos cafezaes e, assim, obter bons tiros de enfiada com as armas automaticas.

As estradas se acham em boa condições e permitem facilmente o rolamento da artilharia leve e das viaturas dos trens. Mesmo na maioria das ruas dos cafezaes esta possibilidade se apresenta.

Dois pequenos trechos de estrada, que não figuram na carta, ligam directamente as Faz. CAMPO ALTO e Faz. S. ANTONIO, respectivamente, á grande estrada Faz. do RETIRO-ARARAS.

Uma extensa estrada, que também não figura na carta, se desenvolve, mais ou menos, pela crista topographica das alturas, entre o Rib. do CERRADO (ao N.) e os Rib. do FERRAZ-Rib. do PINHAL (ao S.). Ella se acha representada no calco annexo.

O Rib. do FERRAZ, na época de realização das presentes operações, apresenta uma largura média de seis metros, na frente atribuida á retaguarda. Este trecho não dá vaus. Em compensação, o Rib. das PEDERNEIRAS tem apenas uma largura média de tres metros e dá vau em varios pontos da sua extensão.

As regiões, marcadas na carta com a convenção de pantano, são de facto zonas difficeis, onde os movimentos exigem muito tempo e precauções especiaes.

A região não apresenta rede geodesica. A preparação regular do tiro se torna, pois inexequivel.

O tempo se mantém bom. A noite cai ás 18,30, amanece ás 5,30.

### INDICAÇÕES A RESPEITO DAS MUNIÇÕES

No dia 15 de dezembro as municções se acham completas.

Cada grupo dispõe das munições transportadas, de um lado, com os meios inherentes ás Bias., de outro, na c. l. m. correspondente. Ellas importam em 254 tiros por peça (para a A.M.) e 305 tiros por peça (para a A. Mth.).

Além disso, o Gen. Cmt. da 2.ª D.I., executando uma decisão do Cmt. do agrupamento, deu ordem ao Pq. A. D./2, que se acha em ARARAS, para descarregar ai as suas duas secções de munições de A.L., as quaes passam á disposição da retaguarda da 2.ª D.I. e da 1.ª D.C., a partir das 18 horas desse dia. Estas secções contêm:

Munições de 75 de A.M. :

3/4 de lote de Gran. Expl., modelo 1900;  
1/3 de lote de shrapnells.

Munições de 75 de A. Mth. :

1/4 de lote de Gran. Expl., modelo 1900.

Trabalhos pedidos:

1.º. Redigir o paragrapho "Artilharia" da ordem geral de operações n. Q., datada de 15 de dezembro, ás 13 horas.

2.º. Redigir as ordens, visando o emprego da artilharia, elaboradas pelos diferentes escalões subordinados, que têm de tratar do assumpto, em consequencia da ordem geral de operações acima citada.

3.º. Representar num calco (esc. 1/100.000) o desdobramento da artilharia; os observatorios; as transmissões realizadas, em execução das ordens pedidas; a localização dos organs de remuniciamento, ás 6 horas do dia 16.

4.º. Esmiuçar os tiros previstos, de accordo com a Infantaria.

5.º. Ligações entre a infantaria e a artilharia.

6.º. Ordens dadas pelo Cmt. da artilharia da retaguarda par o remuniciamento nos dias 15 e 16.

NOTA — Admitte-se que o inimigo tomou contacto com a retaguarda desde as primeiras horas do dia 16, com elementos de cavallaria; que, ás 10 horas, apareceram os primeiros infantes inimigos na crista a E. de Faz. do RETIRO, ao mesmo tempo que tiros de 75 cairam sobre a crista E. de BARBOSA; finalmente, que, ao meio-dia, o consumo médio de munições de artilharia era já de 80 tiros por peça.

# Synopse da organização militar das vias ferreas

SUBSIDIO: Six Conférences sur "Les Transports Militaires en Temps de Guerre" (Cel. Jasseron). Instruções para a organização dos Transportes Militares em Tempo de Guerra. (E. M. S.).

MAJOR A. CUNHA LEAL

A organização militar das vias ferreas em suas diferentes phases

1.<sup>a</sup> Phase  
PREPARAÇÃO

A organização militar das vias ferreas em suas diferentes phases	1. <sup>a</sup> Phase PREPARAÇÃO	Conhecimento das rôdes ou linhas, abrangendo	b) O trabalho de documentação	geral, isto é, o de familiarização com as vias ferreas, meio de aprendizagem da linguagem técnica particular, ou melhor a reunião de documentos básicos e anexos relativos a uma certa linha ou rede.			
			b) A dedução da capacidade da linha ou rede	Por meio de avaliação dos seus recursos e possibilidades, em face das indicações que a documentação fornecer.			
			c) A inspecção minuciosa	Complemento do trabalho anterior, verificação local das informações colhidas em gabinete como fundamento das providências reclamáveis para a obtenção de um rendimento maior.			
		2) ADAPTAÇÃO	As questões de ordem technica influentes no rendimento são relativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>(a) Ao factor "via permanente" (bitola, tipo, solidez e conservação da via, perfis e curvas, natureza do solo).</li> <li>(b) Ao factor "material" (locomotivas e carros, caixas d'água, officinas e depósitos).</li> <li>(c) Ao factor "pessoal" (órgãos de direcção e pessoal de exploração).</li> <li>(d) Ao factor "exploração" (tonelagem e velocidade dos trens, distâncias entre estações, estações de separação e formação dos trens, desvios e sua capacidade, embarcadouros).</li> </ul>			
		3) Estabelecimento de planos	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Planos de transporte</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>De mobilização</li> <li>De cobertura</li> <li>De concentração</li> <li>De reaprovisionamento</li> <li>De evacuação</li> <li>De operações</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Adstrictos à capacidade de tráfego alcançada pelas obras de adaptação, do que resulta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>à fixação prévia da intensidade da corrente de transporte</li> <li>das distâncias entre cruzamentos e da capacidade dos desvios</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a indicação da velocidade</li> <li>Subordinada ao peso dos trens.</li> <li>o fraccionamento das unidades a transportar</li> </ul>
2. <sup>a</sup> Phase EXECUÇÃO	2. <sup>a</sup> Phase EXECUÇÃO	Apparelhamento militar das linhas	b) Plano de reforço	Consubstanciado na série de providências que transferem a uma certa linha de transporte parte o material e o pessoal de outras linhas ou rôdes.			
			c) Plano de protecção	Conjunto de instruções e medidas asseguradoras da vigilância das linhas contra possíveis ataques, particularmente em relação a pontos importantes (tunéis e outras obras d'arte).			
			a) Aplicação das providências indicadas nos planos supra mencionados.				
3. <sup>a</sup> Phase IMPLEMENTAÇÃO	3. <sup>a</sup> Phase IMPLEMENTAÇÃO	Utilização militar do conjunto	b) Constituição e localização dos órgãos directores e executores dos transportes.		Direcção	E. M. E. (4. <sup>a</sup> Secção) na zona do interior, sob as ordens do Ministro da Guerra.	
			c) Instalação dos grandes centros de reaprovisionamento, reparação e evacuação.		Execução	D. F. V. subordinado ao G. Q. G. (Grupo de Exercícios), D. T. E. sob as ordens do Gen. Cmt. de Ex.	
4. <sup>a</sup> Phase CONCLUSÃO	4. <sup>a</sup> Phase CONCLUSÃO		d) Ou a execução completa das prescrições insertas nos regulamentos da especialidade "Transportes Militares por Estradas de Ferro".			Comissões e sub-comissões de rede. Comissões reguladoras. Comissões de estação. Comissões de estradas de ferro de campanha.	
						Depósitos de reserva geral de munições. Depósitos de material de artilharia. Depósitos de material de engenharia. Armazéns frigoríficos. Estações armazéns de viveres e forragens. Depósitos de fardamento. Enfermarias, estações de distribuição, etc.	

# Convenções de Guerra

*Cap. O. M. Aché.*

(Continuação).

## CAPITULO IV

### *Do material*

**Art. 14.** As formações sanitárias moveis conservarão, se cairem em poder do inimigo, seu material, nelle compreendidas as atrélagens, quaequer que sejam os meios de transporte e o pessoal conductor. Todavia, a autoridade militar competente terá a faculdade de delles se servir para o tratamento dos feridos e doentes. A restituição do material terá lugar nas condições previstas para o pessoal sanitário e, tanto quanto possível ao mesmo tempo.

**Art. 15.** Os edifícios e o material dos estabelecimentos fixos ficam submettidos ás leis da guerra, mas não poderão ser desviados de seu emprego, enquanto forem necessários aos feridos e aos doentes.

Todavia, os commandantes, de tropa em operações poderão delles dispôr, em caso de necessidades militares importantes, assegurando previamente o destino dos feridos e doentes que nelle se encontrarem. O material das Sociedades de socorros, admitidas ao benefício da Convenção conforme as condições determinadas por está, é considerado como propriedade privada, e, como tal, respeitada em todas as circunstâncias, salvo o direito de requisição reconhecido ao belligerante segundo as leis e usos da Guerra.

## CAPITULO V

### *Dos comboios de evacuação*

**Art. 17.** Os comboios de evacuação serão respeitados como as formações sanitárias moveis, salvo as disposições especiais seguintes:

- 1.º O belligerante interceptando um comboio poderá se as necessidades militares o exigirem, desloca-lo encarregando-se, porém, dos doentes e feridos que elle conduza;
- 2.º Nesse caso, a obrigação de enviar o pessoal sanitário, prevista no art. 12.º, será extensiva a todo pessoal militar encarregado do transporte ou da guarda do comboio e munido para isso de uma ordem regular.

A obrigação de entrega do material sanitário previsto no art. 14.º, se aplicará aos trens das estradas de ferro e navios de navegação interior especialmente organizados para as evacuações, assim como o material para a transformação das viaturas, trens e navios ordinários pertencentes ao serviço de saúde.

As viaturas militares que não pertençam ao serviço de saúde, poderão ser capturadas ao serviço de saúde, com as suas atrélagens. O pessoal civil e os di- versos meios de transporte provenientes da estrada de ferro e navios utilizados para os comboios, serão submettidos ás regras gerais do direito das gentes.

## CAPITULO VI

### *Do sinal distintivo*

**Art. 18.** Como homenagem á Suiça, o sinal heraldico da cruz vermelha sobre fundo branco, formado pela inversão das cores federaes, é mantido como emblema e sinal distintivo do serviço sanitário dos exercitos.

**Art. 19.** Este emblema figurará nas bandeiras, braçais, bem como em todo o material directamente li-

gado ao serviço sanitário com a permissão da autoridade militar competente.

**Art. 20.** O pessoal protegido, em virtude dos arts. 9.º alínea 1, 10º e 11º trará, fixado ao braço esquerdo, um braçal com a cruz vermelha sobre fundo branco, fornecido e carimbado (1) pela autoridade militar competente, acompanhado de um certificado de identidade para as pessoas ligadas ao serviço de saúde dos exercitos e que não tenham uniforme militar.

(1) Os gráficos são nossos.

**Art. 21.** A bandeira, distintivo da Convenção, não poderá ser hasteada a não ser nas formações e estabelecimentos sanitários; que ella ordena respeitar, e com o consentimento da autoridade militar. Deverá ser acompanhada da bandeira nacional do belligerante a que pertencer a formação ou estabelecimento.

As formações sanitárias caídas em poder do inimigo, porém, não içarão outra bandeira além da da Cruz Vermelha, durante o tempo em que estiverem nessa situação.

**Art. 22.** As formações sanitárias dos países neutros que, nas condições previstas pelo artigo 11.º, forem autorizadas a fornecer seus serviços, devem hastear, com a bandeira da Convenção, a bandeira nacional do belligerante de que dependem.

As disposições da segunda alínea do art. precedentes lhes serão aplicáveis. O emblema da cruz vermelha sobre fundo branco e as palavras *Cruz Vermelha* ou *Cruz de Genebra*, não poderão ser empregadas, quer em tempo de paz, como em tempo de guerra, senão para proteger ou designar as formações e estabelecimentos sanitários, o pessoal e o material protegidos pela Convenção.

## CAPITULO VII

### *Da applicação e da execução da Convenção*

**Art. 24.** As disposições da presente Convenção só serão obrigatorias para as potencias contractantes em caso de guerra entre duas ou varias dentre elles. Estas disposições cessarão de ser obrigatorias desde que uma das potencias belligerantes não seja signataria da Convenção.

**Art. 25.** Os commandantes em chefe dos exercitos belligerantes terão de providenciar sobre os detalhes de execução dos artigos precedentes, assim como nos casos não previstos, segundo as instruções de seus Governos respectivos e conforme os principios geraes da presente Convenção.

**Art. 26.** Os Governos signatarios tomarão as medidas necessarias para instruir suas tropas, e especialmente o pessoal protegido (1), quanto ás disposições da presente Convenção e para levá-las ao conhecimento das populações.

(1) Os gráficos são nossos.

## CAPITULO VIII

### *Da repressão aos abusos e das infracções*

**Art. 27.** Os Governos signatarios, cuja legislação não for desde já suficiente, comprometter-se-ão a tomar ou a propôr ás suas legislaturas as medi-

das necessarias para impedir *em todo tempo o emprego*, por particulares ou sociedades além das que a elle tem direito em virtude da presente Convenção, do *emblema ou da denominação de Cruz Vermelha ou Cruz de Genebra, notadamente com um fim commercial, por meio de marcas de fabrica ou de commercio* (1).

(1) Os gryphos são nossos.

A interdicção do emprego do emblema ou da denominação de que se trata, produzirá efecto a partir da época determinada em lei de cada país e, ao mais tardar, cinco annos após ser posta em vigor a presente Convenção. Desde então, não será mais lícito empregar marca de fabrica ou de commercio contraria á interdicção acima.

**Art. 28.** Os Governos signatarios se comprometterão igualmente a tomar ou propôr ás suas Camaras, em caso de insuficiencia de suas leis penais militares, *as medidas necessarias para reprimir, em tempo de guerra, os actos individuaes de pilhagem e de máus tratos para com feridos e doentes* (1) dos exercitos, assim como para punir, como *usurpação de insignias militares, o uso abusivo da bandeira e do bracal da Cruz Vermelha por militares ou particulares não protegidos pela presente Convenção*.

Os Governos comunicar-se-ão, por intermedios do conselho Federal Suiço, as disposições relativas á esta repressão, no mais tardar cinco annos após a ratificação da presente Convenção.

(1) Os gryphos são nossos.

*Disposições Geraes*

**Art. 29.** A presente Convenção será ratificada desde que possível. As ratificações serão depositadas

em Berna, sendo lavrada, do deposito de cada ratificação, uma acta, da qual uma copia, authenticada será enviada por via diplomatica a todas as potencias contractantes.

**Art. 30.** A presente Convenção entrará em vigor para cada potência seis meses após a data do deposito de sua ratificação.

**Art. 31.** A presente Convenção, devidamente ratificada, substituirá a Convenção de 22 de Agosto de 1864 nas relações entre os Estados contractantes.

A Convenção de 1864 em vigor nas relações entre as partes que a assinaram e que não ratificaram igualmente a presente Convenção.

**Art. 32.** A presente Convenção poderá, até 31 de Dezembro proximo, ser assinada pelas potencias representadas na Conferencia aberta em Genebra a 11 de Junho de 1906, bem como pelas potencias não representadas nessa Conferencia que assinaram a Convenção de 1864. Dessas potencias, as que, a 31 de Dezembro de 1906 não tenham assinado a presente Convenção, ficarão livres de a ella adherirem mais tarde. Terão, entretanto, que dar conhecimento de sua adhesão por meio de uma notificação escrita dirigida ao Conselho Federal Suiço e comunicada por este a todas as potencias contractantes.

As outras potencias poderão pedir sua adhesão dà mesma forma, porém, seu pedido só produzirá efecto se no prazo de um anno a partir da notificação ao Conselho Federal, não tiver elle recebido oposição por parte de qualquer uma das Potencias contractantes.

**Art. 33.** Cada uma das partes contractantes terá a faculdade de denunciar a presente Convenção. Esta denuncia só produzirá seus efeitos um anno após a notificação feita por escrito ao Conselho Federal Suiço, o qual comunicará imediatamente a notificação a todas as outras partes contractantes. Esta denuncia só valerá com relação á potencia que a tiver denunciado.

## BIBLIOGRAPHIA

- A Primeira, a revista por excellencia, n.º 12.*  
*Monitor Mercantil, Rio de Janeiro n.ºs.: 621-622?623-624 e 625.*  
*Revista de Engenharia do Mackenzie College, S. Paulo n.º 45.*  
*O Automovel, Rio de Janeiro n.º 1.*  
*La Couquête de l'air, Paris n.º 11.*  
*L'Air, Paris n.º 192 e 6 supplementos de 15 de Novembro de 1927.*  
*Aviation, E. U. A. n.ºs. 19-20-21 e 22.*  
*A Era Ferragista, Rio de Janeiro, n.º 7.*  
*Aviação, Rio de Janeiro n.º 13.*  
*Lloyd Mercantil, Rio de Janeiro n.º 2.*  
*Cultura e Trabalho, Rio de Janeiro n.º 4.*  
*Nação Brasileira, Rio de Janeiro n.º 4.*  
*Nação Brasileira, Rio de Janeiro, n.º 51.*  
*Nossa Terra, Rio de Janeiro, n.º 4.*  
*Bulletin de la Navigation Aérienne, Paris, n.º 89.*  
*Revista Militar, Bolivia, n.º 69 e 70.*  
*Revista de Intendencia, Rio de Janeiro n.ºs. 19 e 20.*  
*A' vida Nacional, Rio de Janeiro, n.º 1.*  
*Moeda e Credito, Rio de Janeiro, n.ºs. 27 e 28.*  
*O Soldado de 1827, autoria do Capitão F. de Paula Cidade.*  
*Revista Militar, Buenos Aires n.º 322.*  
*Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro n.º 5.*  
*Gazeta da Bolsa, Rio de Janeiro, n.ºs. 47-48-49-50-51 e 52.*

- Revista Popular Brasileira, Rio de Janeiro n.ºs 174-175-176-177 e 178.*  
*Revista da Escola Militar, Rio de Janeiro n.º 8 e 9.*  
*Revista del Centro Militar, Honduras, n.ºs. 3 e 4.*  
*Revista Aérea, Mexico n.º 9.*  
*Revista de Medicina e Hygiene Militar, Rio de Janeiro n.º 9.*  
*Avicultura Efficiente, Rio de Janeiro n.º 10 e 11.*  
*Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Rio de Janeiro, 20 exemplares de s|edição.*  
*Photogramma, Rio de Janeiro, n.º 16.*  
*Mexico, Rio de Janeiro, n.º de Setembro.*  
*Revista de Policia, Rio de Janeiro n.º 11.*  
*A Escola, Rio de Janeiro, n.º 1 á 51 do Dr. George Summer.*  
*Boletim da Associação dos Empregados Commercio, Rio de Janeiro n.º 29.*  
*Revista del Colegio Militar, Mexico, n.º 3.*  
*Revista Militar, Lisboa n.ºs. 11 e 12 da segunda época.*  
*Revista Militar, Paraguay n.º 11.*  
*Turysta, Polonia n.ºs. 6 e 7.*  
*La Cronica, Mexico n.º 28.*  
*Vida Marítima, Madrid n.º 844.*  
*El Soldado, Mexico, n.º 10.*  
*Revista y Marina del Ejercito, Mexico n.º 10.*  
*Revista Militar del Circulo Militar, S. Salvador n.º 85 e 86.*  
*Tricolor, Rio de Janeiro, n.º 2. tres exemplares.*